



OPEN ACCESS

Todo conteúdo de *Cadernos de Linguística* está sob Licença Creative Commons CC - BY 4.0.

EDITORES

– Rolf Kemmler (UTAD)

AVALIADORES

– Sônia Coelho (UTAD)
– Susana Fontes (UTAD)

SOBRE OS AUTORES

- Gissele Chapanski
Conceitualização; Supervisão;
Escrita – Esboço Original; Escrita
– Revisão e Edição.
- Bruna Soares Polachini
Investigação; Escrita – Esboço Original;
Escrita – Revisão e Edição.
- Cecília Farias
Escrita – Esboço Original; Escrita –
Revisão e Edição.
- Emily G. M. Ferreira
Investigação; Escrita – Esboço Original.
- Fábio Albert Mesquita
Investigação; Escrita – Esboço Original.
- Francisco Eduardo Vieira
Conceitualização; Curadoria de Dados;
Investigação; Visualização; Escrita –
Revisão e Edição.
- Irineu E. Jones Corrêa
Investigação; Escrita – Esboço Original;
Escrita – Revisão e Edição.
- Laura do Carmo
Escrita – Revisão e Edição.
- Leandro Silveira de Araujo
Investigação; Curadoria de Dados;
Escrita – Esboço Original; Escrita –
Revisão e Edição.
- Olga Coelho
Escrita – Revisão e Edição.

Recebido: 27/02/2026

Aceito: 03/05/2026

Publicado: 10/06/2026

COMO CITAR

CHAPANSKI, G.; POLACHINI, B. S.; FARIAS, C.; FERREIRA, E. G. M.; MESQUITA, F. A.; VIEIRA, F. E.; CORRÊA, I. E. J.; CARMO, L.; ARAUJO, L. S.; COELHO, O. (2026). Museus e acervos linguísticos: entre a memória e a experiência. *Cadernos de Linguística*, v. 7, n. 5, e1001.



VERIFICAR
ATUALIZAÇÕES

ENSAIO TEÓRICO

MUSEUS E ACERVOS LINGUÍSTICOS: ENTRE A MEMÓRIA E A EXPERIÊNCIA

Gissele CHAPANSKI

Departamento de Linguística – Universidade de São Paulo (USP)
São Paulo, SP, Brasil

Bruna Soares POLACHINI

Faculdade de Educação – Universidade de São Paulo (USP)
São Paulo, SP, Brasil

Cecilia FARIAS

Centro de Referência – Museu da Língua Portuguesa (MLP)
São Paulo, SP, Brasil

Emily G. M. FERREIRA

Programa de Pós-Graduação em Linguística – Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
João Pessoa, PB, Brasil

Fábio Albert MESQUITA

Programa de Pós-Graduação em Linguística – Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
João Pessoa, PB, Brasil

Francisco Eduardo VIEIRA

Departamento de Língua Portuguesa e Linguística – Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
João Pessoa, PB, Brasil

Irineu E. Jones CORRÊA

Centro de Pesquisa e Editoração – Fundação Biblioteca Nacional (FBN)
Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Laura do CARMO

Setor Ruiano – Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB)
Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Leandro Silveira de ARAUJO

Instituto de Letras e Linguística – Universidade Federal de Uberlândia (UFU)
Uberlândia, MG, Brasil

Olga COELHO

Departamento de Linguística – Universidade de São Paulo (USP)
São Paulo, SP, Brasil

RESUMO

O artigo examina acervos (meta/epi)linguísticos no cenário brasileiro contemporâneo, compreendendo-os sob o conceito ampliado de arquivo e discutindo suas implicações para a Historiografia Linguística (HL). Partindo das revisões epistemológicas que redefiniram o estatuto dos arquivos nas ciências humanas, sustenta-se que tais acervos não constituem repositórios passivos de fontes, mas construtos dinâmicos do conhecimento, vinculados a contextos históricos, institucionais e socioculturais específicos. Nesse quadro, analisam-se seis iniciativas: o Centro de Documentação em Historiografia Linguística, da Universidade de São Paulo; o Catálogo de Gramáticas da Língua Portuguesa, desenvolvido pelo grupo de pesquisa Historiografia, Gramática e Ensino de Línguas, da Universidade Federal da Paraíba; o Dossiê de Gramáticas e Dicionários do Português, da Fundação Biblioteca Nacional e da Fundação Casa de Rui Barbosa; o Web-Museu da Gramática, da Universidade Federal de Uberlândia; o Museu da Língua Portuguesa; e o Museu de Itinerários Linguísticos do Instituto Serendipe. Para cada caso, apresentam-se o histórico de constituição, os objetivos, os critérios de curadoria e catalogação, as formas de organização e os modos de acesso. A análise mobiliza instrumental metodológico da HL e da museologia contemporânea, com atenção às concepções de língua e aos modos de organização do saber metalinguístico. Argumenta-se que a relação entre arquivos e HL envolve uma tensão constitutiva entre retrospectiva historiográfica e projeção memorial, exigindo metaconsciência quanto aos processos de seleção, canonização e exclusão. Destaca-se, por fim, que a produção, manutenção e disponibilização desses acervos configuram não apenas práticas documentais, mas intervenções epistemológicas que impactam as condições heurísticas da pesquisa, a formação de pesquisadores e a circulação social do conhecimento linguístico, reafirmando o papel dos acervos como objetos historiográficos e como infraestruturas críticas para o desenvolvimento da área.

PALAVRAS-CHAVE

Acervos Linguísticos; Historiografia Linguística; Arquivos;
Gramaticografia; Museologia.

TITLE

MUSEUMS AND LINGUISTIC COLLECTIONS: BETWEEN MEMORY AND EXPERIENCE

ABSTRACT

This article examines (meta/epi)linguistic collections in the contemporary Brazilian context, approaching them through an expanded concept of archive and discussing their implications for Linguistic Historiography (LH). Drawing on epistemological revisions that have redefined the status of archives in the humanities, it argues that such collections are not passive repositories of sources but dynamic constructs of knowledge, embedded in specific historical, institutional, and sociocultural contexts. Within this framework, six initiatives are analyzed: Centro de Documentação em Historiografia Linguística, at the Universidade de São Paulo; Catálogo de Gramáticas da Língua Portuguesa developed by the research group Historiografia, Gramática e Ensino de Línguas, at the Universidade Federal da Paraíba; Dossiê de Gramáticas e Dicionários do Português, of the Fundação Biblioteca Nacional and Fundação Casa de Rui Barbosa; Web-Museu da Gramática, at the Universidade Federal de Uberlândia; Museu da Língua Portuguesa; and Museu de Itinerários Linguísticos of the Instituto Serendipe. For each case, the study presents its historical development, objectives, curatorial and cataloguing criteria, organizational structures, and modes of access. The analysis mobilizes methodological tools from LH and contemporary museology, with particular attention to conceptions of language and modes of organizing metalinguistic knowledge. It contends that the relationship between archives and LH entails a constitutive tension between historiographical retrospection and memorial projection, requiring metaconsciousness regarding processes of selection, canonization, and exclusion. Finally, it emphasizes that the production, maintenance, and dissemination of such collections constitute not merely documentary practices but epistemological interventions that shape the heuristic conditions of research, the training of scholars, and the social circulation of linguistic knowledge, reaffirming the role of archives both as historiographical objects and as critical infrastructures for the development of the field.

KEYWORDS

Linguistic Collections; Linguistic Historiography; Archives; Grammaticography; Museology.

INTRODUÇÃO

Os acervos (meta/epi)linguísticos são tipologicamente diversos. Embora a noção mais usualmente assimilada a eles seja a de *bancos de dados ou fontes*, sua realidade transcende a de mero instrumental. Cabe, portanto, observá-los também como objetos de interesse dos estudos linguísticos, um campo de investigação ainda bastante aberto à pesquisa. Em tempos de proliferação, muitas vezes dispersa e pouco ordenada, de repositórios digitais de informação, a questão ganha renovada relevância (cf. Blouin Jr.; Rosenberg, 2011).

No intuito de aproximar-se dessa perspectiva, o presente trabalho abordará algumas iniciativas desenvolvidas no cenário brasileiro contemporâneo. Entre museus, bibliotecas e repositórios de itens (meta/epi)linguísticos, materiais ou não, os exemplos aqui apresentados serão compreendidos sob o conceito, propositadamente abrangente, de *arquivo* (cf., por exemplo, Daston, 2017; Moore *et al.*, 2016). Não se trata de evocar o conceito de repositório como armazenamento passivo. Pelo contrário. Esses arquivos são entendidos como produtos dinâmicos do conhecimento, dotados de uma epistemologia própria, vinculada aos contextos intra e extralinguísticos onde são originados e aos quais se vinculam.

Uma vez concebidos assim, revelam um nítido valor historiográfico: são construtos do pensamento linguístico de um grupo e seu tempo, destinados a participar, de formas diversas e sob propósitos variados, da experiência coletiva de reflexão sobre a linguagem.

A partir dessa conceituação, serão analisados individualmente ao longo deste artigo seis modelos de arquivo (meta/epi)linguístico (Seções 1.1 a 1.6). Para cada iniciativa, individualmente, serão apresentados o histórico de sua criação e manutenção, seu objeto e proposta centrais, seus critérios de catalogação e exposição e os modos propostos para acesso ao acervo. Por meio dessa seleção, procurou-se fornecer um panorama, suficientemente diverso e plural, das manifestações vigentes no país. Por meio da observação pontual de suas convergências e particularidades, buscou-se prover uma análise das implicações de tais práticas arquivológicas na Historiografia Linguística (HL) e desenhar possibilidades para o desdobramento das relações entre essa disciplina, os museus e demais acervos de linguagem, conforme se verá nas considerações finais (Seção 2), adiante.

Os acervos de dados (meta/epi)linguísticos podem ser compreendidos sob o conceito lato de *arquivo*¹. Assim sendo, participam de uma das questões centrais no processo de revisão epistêmico-

1 Segundo Daston (2017, p. 1-2), pode-se entender por *arquivo* todo “repositório do que uma disciplina considere digno de conhecimento e preservação” [tradução nossa]; no original: “*repository of what a discipline considers worth knowing and preserving*”. Optamos aqui por trabalhar com essa noção mais ampla de arquivo, conforme vem sendo abordada pelas

metodológica que caracterizaram a Historiografia² contemporânea. Sob a perspectiva tradicional, a História era compreendida, em linhas gerais, como sucessão linear de fatos, cuja “verdade”³ poderia ser reconstituída, fidedigna e univocamente, a partir dos documentos que a representavam. Nesse paradigma, o arquivo consistia no repositório desses documentos, em uma relação onde continente e conteúdo eram concebidos a partir do olhar das grandes instituições, admitidas então como guardiãs absolutas de um passado estático que cabia resgatar com fidedignidade. Trata-se de um modelo em que as noções de *documento*, *instituição* e *arquivo* assumiam, a julgar pela ótica contemporânea, uma dimensão mais aurática e menos crítica. Somente uma vez concebida a relação entre esses elementos de forma não verticalizada, dinâmica e atrelada a variáveis contextuais, como as particularidades sociocronológicas, é que as bases da Historiografia atual se estabelecem.

No bojo da expansão do conceito de *fonte* para além das instituições e de suas narrativas, proposto pela Nova História (a partir sobretudo dos trabalhos de Marc Bloch e Lucien Febvre), uma série de “viradas” marcou a trajetória recente das ciências humanas. No final da década de 1980, instaura-se o campo acadêmico dos estudos sobre a memória (Huyssen, 1995, 2003). Pautados pelo reposicionamento da memória como um fator ativo no presente (e não mais apenas um conjunto de retrospecções passivas), tais estudos adotam uma perspectiva descentralizada, buscando compreender a memória coletiva das múltiplas comunidades como elemento basilar na formação do tempo histórico. A essa “virada mnemônica” (*mnemonic turn*)⁴, seguiram-se a documental (*documentary turn*) e a arquivística (*archival turn*)⁵. A discussão sobre os arquivos, aqui entendidos

teorias do conhecimento no âmbito das ciências e saberes contemporâneos. Nesse cenário, o conceito se refere não apenas ao conjunto de itens de conhecimento e memória em si, mas à própria concepção de sua existência. Tal noção vincula-se aos estudos culturais pelo viés historiográfico, sendo, por vezes, considerada indissociável da História como disciplina e do pensamento historiográfico. Uma vez que o presente artigo procura ler os arquivos em sua relação com a HL, a opção se justifica.

- 2 A História anterior à instituição das disciplinas científicas modernas não necessariamente se pautava por uma relação documental com os fatos, assim como ancorava-se, eventualmente, na narrativa subjetiva (cf. Payen, 2011).
- 3 É a visão epitomizada na famosa máxima do historiador Leopold von Ranke (1795-1886), referência da historiografia moderna (“tal como efetivamente aconteceu” [tradução nossa]; no original: “*wie es eigentlich gewesen [ist]*”). O autor e sua sentença, apesar de representarem o estabelecimento de uma historiografia despida de juízo pessoais e pautada em critérios de objetividade, ainda refletem a compreensão de que há uma verdade unívoca e incontestável a ser flagrada a partir do documento histórico.
- 4 Vejam-se, por exemplo, Assmann (2002, p. 27) e Bachmann-Medick (2006, p. 381). Nas teorias da História, um de seus marcos é o projeto *Les Lieux de Mémoire* (1979-1981/2) de Pierre Nora (cf. Nora, 1989, 2011). Para uma perspectiva crítica ao uso do termo/conceito, vide Olick (2023).
- 5 Ao propor a necessidade de integrar as interpretações “virada arquivística” e a “virada documental”, Poncet (2019) as define: “A primeira é entendida como o posicionamento epistemológico dos profissionais de arquivo e dos pesquisadores que observam os efeitos dos diversos processos de arquivamento (seleção, registro, descrição, conservação) sobre o comportamento e o conhecimento das sociedades. Quanto à segunda, embora se apoie em pesquisas há muito conduzidas

como coleções de itens arregimentados sob determinada tutela com intuito de futura disponibilização a público, qual seja, ganha, então, um espaço sem precedentes nas ciências humanas.

De ferramentas de salvaguarda ou meras fontes para uma história institucionalizada, ou seja, *repositórios do conhecimento*, os arquivos passam a espaços ativos de produção (Osborne, 1999) e exercício (Friedrich, 2018) dos saberes. Tornam-se, pois, *produto de um conhecimento possível* (Ketelaar, 2017)⁶. Essa mudança não é apenas epistemológica, mas, sobretudo, ontológica. Tal redimensionamento, fruto do diálogo interdisciplinar⁷ e da revisão do caráter científico do fenômeno arquivístico, desloca o foco para o processo de concepção e formação dos arquivos. A partir daí, as análises de seu material – itens interpretáveis como dados ou documentos – não podem mais, portanto, acontecer independentemente da meta-análise dos processos que o organizam e disponibilizam.

Diante disso, o cenário contemporâneo demandou um redimensionamento, não apenas dos materiais, mas, sobretudo, do objeto da Historiografia (Assmann, 2011, 2013). O escrutínio crítico das dinâmicas entre conjuntos de dados, documentos e artefatos, as instituições por eles responsáveis (bibliotecas, institutos, universidades, museus) e as comunidades emerge, pois, como questão meta/epi-historiográfica, o que provoca uma série de revisões conceituais e metodológicas nas recentes teorias da História. É concatenada a essas vertentes que a HL se constitui e permanece.

Contudo, para além da aparente afinidade entre essa disciplina e os arquivos, sua relação se estabelece sobre dinâmicas complexas, que envolvem tensões desdobráveis às raiais do antagonismo, a depender da perspectiva de observação.

No âmbito dos estudos linguísticos, o papel dos arquivos é consolidado pela práxis, seja nas dinâmicas de ensino e aprendizagem de línguas (Newmeyer, 2024; Brandão *et al.*, 2023), seja no emprego de bancos de dados, como os concentrados na *Open Language Archives Community*, pela Linguística de *corpus*, ou ainda via glossários e listas de conceitos, fundamentais para o estabelecimento e transmissão de conceitos da área (Mainberger, 2021). Essas coleções, de

pelos arquivistas, tornou-se um ramo vigoroso e dinâmico da pesquisa histórica, uma corrente de estudos que não considera mais apenas os documentos e os fundos de arquivo como materiais, mas como objetos históricos de pleno direito, produtores de sentido social, político ou cultural. Dito de outra forma, a virada arquivística interessa-se primeiro pelo que os arquivos fazem à sociedade, enquanto a virada documental olha antes para o que a sociedade faz aos arquivos” [tradução nossa]; no original: “*Le premier est entendu ici comme le positionnement épistémologique des professionnels des archives et des chercheurs qui observent les effets des divers processus d’archivage (sélection, enregistrement, description, conservation) sur le comportement et la connaissance des sociétés. Quant au second, s’il prend appui sur des recherches longtemps conduites par les archivistes, il est devenu une branche vivace et dynamique de la recherche historique, un courant d’études qui ne considère plus seulement les pièces et les fonds d’archives comme des matériaux, mais comme des objets historiques à part entière, producteurs de sens social, politique ou culturel. Pour le dire autrement, le tournant archivistique s’intéresse d’abord à ce que les archives font à la société, tandis que le tournant documentaire regarde plutôt ce que la société fait aux archives*”. (Poncet, 2019, p. 716).

6 Para um apanhado sobre o estado da arte (origens, bases teóricas e desdobramentos) da virada arquivística veja-se Su (2025).

7 Além da Arquivologia e História, estão implicadas, com diferentes graus de envolvimento, nesse processo ciências como a Antropologia, a Sociologia, a Filosofia, a Arqueologia e a Paleografia, por exemplo.

tipologia diversa, destinam-se a organizar, catalogar e disponibilizar objetos distintos – de manifestações da língua a instrumentos metalinguísticos propriamente ditos.

À HL, no entanto, interessa compreender, de modo crítico e contextualizado, os metaprocessos de elaboração, manutenção e aplicação desses acervos, reconhecendo-os na posição de construtos intelectuais e manifestações do pensamento metalinguístico, parte, portanto, de seu escopo científico. Para esta disciplina, os acervos linguísticos vão além dos meros repositórios de fontes: são objeto em si⁸, diante do qual, inclusive, seus métodos e práticas devem alcançar um equilíbrio delicado: ao passo que o arquivo costuma implicar uma noção projetiva (de um passado, ou presente, que guarda aquilo que o futuro deve lembrar), em contrapartida, o fazer historiográfico se vale de um olhar retrospectivo.

O intrincamento da questão não se encerra aí. Mais do que observar arquivos (meta/epi)linguísticos já constituídos, cabe, eventualmente, à HL constituir-los, na medida em que as ciências devem também prover as bases materiais para o desenvolvimento epistemológico de suas áreas via sistematização e disponibilização de conhecimentos. A complexidade do posicionamento da HL ante a questão arquivológica desdobra-se, então, em um segundo nível.

Por mais que a noção de repositório ou acervo seja praticamente um lugar-comum da história do conhecimento (cf. Mainberger, 2021), recorrendo na infinidade de coleções e compilações de toda ordem (das listas e catálogos até as enciclopédias, bibliotecas, museus etc.), sua concepção, nesse caso, suscita, inevitavelmente, metaconsciência suficiente para debelar, ao mesmo tempo e tanto quanto possível, anacronismos e parcialidades em retro e prospecção.

Trata-se de um desafio epistemológico considerável, sobretudo porque, em essência, a própria ideia de selecionar materiais dignos de memória/utilização em detrimento de inúmeros outros reflete o processo de formação de um cânone centralizado de materiais, autores e conteúdos. Algo avesso, por princípio, à natureza crítica da HL, que, ao realizar procedimentos curatoriais, quer por meio da seleção dos itens de um acervo, quer ao desenhar os moldes de sua disponibilização, confronta permanentemente o risco de estar repetindo o mecanismo gerador de uma de suas prementes questões – os silenciamentos e exclusões advindos da rigidez, restritiva e autocentrada, do cânone tradicional – e comprometendo o futuro da disciplina.

Apesar disso, ou talvez justamente por isso, a produção, manutenção e disponibilização de acervos é uma das pautas inevitáveis para a HL. Pensar os arquivos linguísticos a partir dos quais a disciplina opera não só corrobora o caráter crítico, a interdisciplinaridade e a flexibilidade intelectual que a definem, mas a coloca a serviço das boas práticas de pesquisa científica dentro e fora da esfera

8 Vale notar que aqui a aplicação da perspectiva da HL não é autotélica: conceber o arquivo (acervo, repositório, coleção) de dados de modo crítico e contextualizado é fundamental para o emprego cientificamente acurado de seus dados em qualquer área dos estudos linguísticos.

dos estudos linguísticos. Especialmente ante um quadro científico pautado pela necessária abertura às novas epistemologias, que vão desde a Teoria da Complexidade até as Epistemologias do Sul, a própria noção de acervo pode ser repensada em seus fundamentos. Essas novas epistemologias não se contentam com a visão clássica, comum à Era Moderna, de uma ciência centrada no observador neutro, no método universal e na representação objetiva e estável da realidade. Pelo contrário, a Teoria da Complexidade nos lembra que os sistemas – inclusive os linguísticos e culturais – são abertos, dinâmicos, emergentes e sensíveis às condições iniciais, operando em redes de interdependência onde o todo não é redutível à soma das partes (Marion, 1999; Lee *et al.*, 2009; Thietart; Forgues, 2011). Já as Epistemologias do Sul desafiam o monopólio cognitivo do Norte global, valorizando os saberes locais, as práticas comunitárias e as formas de conhecimento historicamente marginalizadas. Ambas as perspectivas convergem em um ponto crucial: a ciência é uma prática situada, relacional e intrinsecamente política.

Nesse contexto, um acervo de dados (epi/meta)linguísticos não pode ser visto simplesmente como um depósito passivo de “fatos linguísticos” coletados de modo supostamente neutro. Ele se torna, ele próprio, um campo de forças epistêmicas. Cada item catalogado, cada gravação, cada documento é resultado de escolhas – quais variedades foram registradas, quais falantes foram ouvidos, quais contextos foram considerados relevantes – que refletem relações de poder, prioridades de pesquisa e visões de mundo específicas. A abertura a essas novas epistemologias exige, portanto, que os acervos (meta/epi)linguísticos assumam uma postura reflexiva, dialógica e multivocal. O acervo, longe de ser um monumento à estabilidade da língua, torna-se uma ferramenta de tradução epistemológica, capaz de mediar entre diferentes formas de conhecer e de articular passado, presente e futuro linguístico.

Nesse sentido, os estudos linguísticos, ao abraçarem essas epistemologias emergentes, podem reposicionar o acervo não como um fim em si mesmo, mas como uma infraestrutura crítica. Ele passa a servir não apenas à documentação, mas à ativação de redes de conhecimento, favorecendo um diálogo mais plural sobre a língua, sua memória e suas possibilidades.

É importante observar que essa pauta, antes restrita à esfera da cultura material propriamente dita, agora a transcende. A era da informação digital, a despeito das incontáveis facilidades tecnológicas que representa, também acirra diversos dos conflitos epistemológicos inerentes à questão do arquivo e, consequentemente, dos acervos de dados linguísticos. Inevitavelmente, um acervo será fruto de seu tempo, um produto do estado da arte naquele momento. No entanto, seu compromisso se estenderá também a outros tempos. Mais do que otimização do acesso a fontes, o acervo (meta/epi)linguístico é um objeto historiográfico dinâmico, com dimensões científicas e didáticas, mas também éticas e políticas.

No intuito de fornecer um panorama do estado dessa questão e contribuir com as discussões na seara da HL, a seguir, serão analisados os critérios e propósitos que norteiam seis iniciativas contemporâneas voltadas à elaboração de acervos (meta/epi)linguísticos em contexto nacional.

1. A HL DIANTE DE SEIS ACERVOS META/EPILINGUÍSTICOS HOJE: CONFLUÊNCIAS, PARTICULARIDADES E DESAFIOS

Nossa seleção primou por abranger instituições públicas e privadas, acervos materiais e imateriais, ambientes digitais e físicos. Procuramos representar a pluralidade de abordagens possíveis, a fim de flagrar aspectos centrais do grande objeto nas recorrências, interfaces e intersecções entre esses modelos. Para realizar a análise da malha epistêmica e sociológica que envolve cada uma dessas propostas, será mobilizado instrumental metodológico da HL e da museologia contemporânea, sobretudo na observação das concepções de língua, metalinguagem e instrumental metalinguístico sobre as quais se apoia cada um dos projetos.

Na curadoria de acervos, na elaboração de catálogos, nos planos expositivos e museológicos, assim como nos modelos de interação com diferentes comunidades e na finalidade assumida por esses distintos núcleos de memória desvelam-se complexas relações com a história do pensamento linguístico. A partir da exposição de cada uma das iniciativas individuais selecionadas serão apresentadas não apenas suas particularidades, mas sua relação com os princípios da HL e sua interpretação do papel desta disciplina.

À luz dessas reflexões, nas seções seguintes, descreveremos cada uma das seis iniciativas aqui consideradas, atentando-nos aos seus objetivos, histórico e métodos de formação, modos de organização, disponibilização, públicos alcançados e (eventuais) desafios. Enfatizando as particularidades, (meta-, epi-)historiográficas e sociais, das iniciativas, optamos por textos que arranjam esses elementos comuns do modo melhor reflita a natureza de cada acervo, assim como conexões que permitem agrupá-las. Assim, a ordem de apresentação dos acervos pautou-se por similitudes epistemológicas, temáticas e materiais, que permitem vislumbrar subgrupos (mais) afins.

Depois dessas seções, retomaremos as problemáticas aqui discutidas sob a forma de considerações finais, que pretendem generalizá-las em direção ao reconhecimento dos acervos como actantes centrais nas redes, cognitivas e sociais, que enredam as línguas e também outras linguagens ao longo da história.

1.1. CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO EM HISTORIOGRAFIA LINGUÍSTICA (USP)

Ao longo do tempo, o CEDOCH tem explorado a questão da emergência da Linguística e suas relações com outras ciências, buscando caracterizar metalinguagens; compreender problemas investigados, referenciais teórico-metodológicos e materiais privilegiados por estudiosos da linguagem em diferentes momentos históricos; estudar a questão das esferas de influência e da originalidade e especificidade da produção linguística; estabelecer e rever periodizações, entre outras metas. De um ponto de vista prático, objetivou-se a formação básica e avançada de

pesquisadores em historiografia linguística, a criação de um centro de documentação (CEDOCH) e a produção de material biobibliográfico sobre a produção linguística brasileira. Já foram desenvolvidas no CEDOCH 30 iniciações científicas, 27 dissertações de mestrados e 24 teses de doutorado, além de 10 projetos de pós-doutorado.

O Centro é responsável pela organização de dezenas de congressos, seminários, encontros, exposições e cursos, tanto no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Linguística da USP, quanto em parceria com outras instituições de ensino e pesquisa, brasileiras e estrangeiras, assim como com associações científicas, como a Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL), a Associação de Linguística e Filologia da América Latina (ALFAL), o Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo (GEL) e a Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN). Colocou em circulação inúmeras publicações, individuais e coletivas, entre elas, dois periódicos especializados, o *Boletim Historiografia da Linguística Brasileira* (1997-2015) e os *Cadernos de Historiografia Linguística* (2015-).

Em 2004, o CEDOCH passou a ser oficialmente reconhecido como centro complementar de pesquisa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Desde o princípio, o Centro abrigou pesquisas individuais e coletivas que geraram materiais meta e epi-historiográficos, os quais organizam e disponibilizam documentos históricos e/ou dados sobre eles. Atualmente, uma parte desses materiais está disponível no site do CEDOCH, na seção de Bancos de Dados, que tem as seguintes subseções: *Primeira pessoa do singular*, *Documenta*, e *Outros Bancos*.

Em 1995, Cristina Altman iniciou o projeto *Primeira pessoa do singular*, que tinha como principal objetivo lidar com as primeiras gerações de linguistas surgidas no cenário acadêmico brasileiro nas décadas de 1960 e 1970, bem como explorar aspectos da sua produção linguística a partir da sua própria percepção ou da percepção de seus contemporâneos. Foram, então, realizadas entrevistas com linguistas como Sílvio Elia (1913-1998), Aryon Rodrigues (1925-2014), Eugenio Coseriu (1921-2002), Lucy Seki (1939-2017), Ataliba de Castilho (1936-), entre outros. Esses registros foram transcritos, editados e publicados no *Boletim* ou em outros periódicos. As entrevistas publicadas no *Boletim* estão disponíveis on-line no banco *Primeira pessoa do singular*, que deverá, brevemente, incorporar trechos dos áudios.

Outro importante projeto coletivo do CEDOCH foi o *Documenta grammaticae et historiae* (2006-2011)⁹, cujo principal objetivo era descrever certos mecanismos e processos que têm caracterizado a produção de gramáticas e dicionários no contexto ibero-americano, do século 16 a 19. No banco de dados *Documenta*, encontram-se o projeto detalhado e alguns dos seus

9 O projeto contou com apoio do CNPq, Edital MCT/CNPq 02/2006-Universal – Processo 4775-49/2006-3.

resultados, como as onze fichas descritivas de obras gramaticais e lexicográficas relativas a línguas brasileiras, a saber:

- *Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil* – José de Anchieta
- *Arte da lingua brasilica* – S. J. P. Luis Figueira
- *Dicionário português-brasílico* (DPB) – Ayrosa 1934 [1795]
- *Vocabulário na língua brasílica* (VLB) – Ayrosa 1938 [Anônimo 1622]
- *Gramática da lingua geral do Brazil com hum Diccionario dos vocabulos mais uzuaes para a intelligencia da dita lingua* (Códice 69 Coimbra) – Anônimo (1750)
- *Diccionario da lingua tupy* – Antônio Gonçalves Dias
- *Compendio da lingua brasilica para uso dos que a ella se quizerem dedicar* – Francisco Raimundo Correa de Faria
- *Notas sobre a lingua geral ou tupí moderno do Amazonas* – Charles Frederick Hartt
- *O selvagem* – José Vieira Couto de Magalhães
- *Grammatica da lingua brasileira* (Brasilica, Tupi, ou Nheêngatú) – Pedro Luiz Sympson

As fichas incluem informações sobre o acesso ao texto físico ou digital, nome completo e biografia do autor, título original da obra com a grafia da época, informações gerais sobre sua primeira edição e onde acessá-la, informações sobre a edição consultada para a confecção da ficha, sumário da edição consultada, indicação das reedições ou reproduções conhecidas e informações gerais a respeito delas, dados sobre a difusão da obra, a língua descrita e as línguas descritoras, compreensão do objetivo do autor ao escrever a obra e quais são as contribuições geradas por ela, segundo estudiosos, dados a respeito da descrição feita das partes do discurso (classes de palavras) presentes na obra, possíveis inovações conceituais e terminológicas, palavras-chave da obra e, por fim, a bibliografia utilizada, além da indicação do(s) autor(es) da ficha. As fichas permitem tanto ao pesquisador especializado como ao leitor curioso uma aproximação inicial das obras. Também possibilitam o aprofundamento posterior por meio da bibliografia indicada ou leitura total da obra, cuja localização física e/ou digital é também indicada. Além desses materiais publicados no site, referentes à tradição tupi, o projeto ainda dispõe de fichas correspondentes ao português, ao quíchua, ao japonês, ao espanhol e ao quimbundo, ainda não publicadas. Vale mencionar que este projeto, sobretudo no que diz respeito às suas fichas descritivas, serviu de inspiração para o Web-Museu da Gramática (MuGra) da Universidade Federal de Uberlândia, cuja trajetória é descrita no item 1.4 deste artigo.

Na subseção Outros, está o banco de dados Artigos da *Revista do GEL* (1993-2018), o qual traz informações internas e externas sobre textos publicados no periódico no período mencionado no título. A pesquisa contou com financiamento do GEL (Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo) e do Programa Unificado de Bolsas da USP. A análise dos textos listados no banco fez parte de uma pesquisa coletiva dedicada aos 50 anos do GEL, realizada por Olga Coelho, Ênio Sugiyama Jr., Rogério Nóbrega, Bruno Fochesato, Isadora Vaz e Mary Ellen Cruz, do CEDOCH, e Luciani Tenani, da UNESP de São José do Rio Preto. No banco, podem ser buscadas informações relativas a autoria, vínculos institucionais dos autores, datas de publicação, títulos, objetos tratados, níveis de articulação explorados, autovinculação teórico-metodológica dos trabalhos. Trata-se de um material complementar a outros, mais bem acabados, que foram produzidos com base nele e em outras fontes ao longo da investigação da história da associação, quais sejam: um site, um livro eletrônico, um artigo, um filme e uma cronologia no formato de folder.

Há também bancos de dados no site do CEDOCH que advêm do trabalho individual de pesquisadores vinculados ou associados ao Centro. O *Inventário de gramáticas brasileiras publicadas entre 1806-1900* e o *Fichas descritivas de 18 gramáticas brasileiras oitocentistas*, ambos de Bruna Soares Polachini, são resultantes de sua pesquisa de doutorado (Polachini, 2018), realizada no âmbito do CEDOCH. A pesquisa se vincula, teórica e metodologicamente, ao *Documenta-Português*, sobretudo no que diz respeito à periodização, à natureza das obras analisadas (gramáticas) e ao recurso metodológico de elaboração de fichas descritivas para cada uma delas, inspiradas nas do *Documenta*. No primeiro banco, a pesquisadora apresenta um levantamento exaustivo inédito da produção gramatical relativa ao português de autoria brasileira ao longo de todo o século 19, chegando a cerca de 200 obras publicadas no período. No segundo, são apresentadas 18 fichas descritivas de gramáticas oitocentistas de autoria brasileira, as quais foram o principal *corpus* da tese. Essas fichas contêm os seguintes itens: título da obra, dados do autor: nome completo, datas e locais de nascimento e morte, ano de publicação da edição consultada, tipografia, edição, lista de outras publicações do autor, lista de outras edições ou reproduções conhecidas da obra a que a ficha se refere, descrição geral da obra consultada – considerando-se paratextos como folha de rosto, epígrafes, possíveis assinaturas, e número de páginas, sumário completo da obra e, por fim, objetivo do autor – que é captado através de textos do próprio autor apresentados em prólogos, prefácios ou introdução da obra, se houver.

Os dois bancos de dados de José Bento Cardoso Vidal Neto também são resultantes de sua tese de doutorado, realizada no âmbito do CEDOCH (Vidal Neto, 2021). A tese teve como principal objetivo mostrar a perda de primazia da gramática tradicional na discussão linguístico-gramatical a partir do início do século 20. O que se confirmou é que houve uma redefinição de papéis, fruto de uma maior especialização dos estudos linguísticos e pedagógicos ao longo dos novecentos. A gramática tradicional passou a ser um material de uso mais escolar, enquanto a discussão linguístico-gramatical mais especializada passou a ser realizada em volumes monográficos (livros, opúsculos),

separatas e teses. Para se comprovar tal reorganização, o pesquisador realizou um levantamento bibliográfico de pretensão exaustiva a respeito de todas as publicações linguístico-gramaticais sobre o português, surgidas entre 1900 e 1940, chegando ao número de 581 obras, sendo 400 de viés gramatical, 89 de viés filológico e 92 dialetológico.

Os critérios utilizados para a classificação das obras foram os seguintes: 1) Obras gramaticais: presença de viés *normativo* do tipo subjetivo (Coseriu, 1979); 2) Obras filológicas: ausência de *normatividade do tipo subjetiva* e o apelo ao *trabalho histórico* com a língua; 3) Obras dialetológicas: obras que estudam (i) a dialeção interna do Português do Brasil, tanto abordando a variação geográfica quanto a social e (ii) a diversificação do Português do Brasil em relação ao de Portugal. Dentro desses três grupos, há subdivisões internas segundo suas especificidades. O banco de dados *Levantamento bibliográfico da produção linguístico-gramatical brasileira (1900-1940)* apresenta as 581 obras e as respectivas subdivisões. Já no banco de dados *Tabelas parciais do levantamento bibliográfico da produção linguístico-gramatical brasileira (1900-1940)* e *compilação de alguns conceitos-chave presentes em tais obras*, há quadros de obras com recortes ainda mais específicos, feitos em função das necessidades surgidas ao longo da escrita da tese. Há também a compilação de trechos de algumas obras em que se definem conceitos como *gramática*, *gramática histórica*, *glotologia*, *linguística*, *dialeto* etc. A reprodução integral desses trechos poderá servir de importante material epilinguístico para futuras pesquisas, tanto do autor quanto de outros pesquisadores.

O banco de dados *Teses e dissertações brasileiras em Fonética e Fonologia (1949-2000)*, de Karina G. S. Oliveira, também é resultante de sua tese de doutorado (Oliveira, 2022). Nele, a autora apresenta um levantamento de pretensão exaustiva das teses e dissertações, mencionadas no título do banco de dados, a partir da consulta ao livro *Fonética e fonologia: bibliografia brasileira* (Aragão, 1997) e busca em sites de universidades brasileiras que recebem financiamento da CAPES (<https://geocapes.capes.gov.br/geocapes/>), bem como em currículos Lattes de linguistas atuantes na área, resultando na listagem de 481 trabalhos. Nesse banco, são apresentados os dados externos e internos dos trabalhos acadêmicos encontrados. Os dados externos são: ano de publicação, título, autoria, orientação, tipo (mestrado ou doutorado) e a universidade em que a pesquisa foi defendida. Já os internos são: título, natureza do trabalho, orientação sugerida nos títulos, níveis de análise, línguas/variedades estudadas, interfaces com outras áreas.

A apresentação desses bancos de dados resultantes de teses de pesquisadores do centro de pesquisa no site do CEDOCH possibilita acesso mais amplo do que aquele promovido exclusivamente pelas teses. Assim, esse material epi-historiográfico chega com maior facilidade a diferentes grupos de pesquisa, como foi o caso do *Inventário de gramáticas brasileiras publicadas entre 1806-1900*, de Bruna Soares Polachini, que foi utilizado pelos pesquisadores do projeto “A gramatização no Brasil: língua e construção da nacionalidade no acervo da Biblioteca Nacional – 1808-1930”, da Fundação Biblioteca Nacional, o qual é mencionado no item 1.3.

Ainda na subseção Outros bancos, o CEDOCH dispõe de *Linguagem escrita e grafismos indígenas contemporâneas*, elaborado por Aline da Cruz, Gláucia Vieira Cândido e Douglas Anunciação de Souza, vinculados ao Núcleo Takinahaky da UFG. O banco reúne um conjunto de imagens e de depoimentos produzidos por participantes indígenas de uma disciplina ministrada pelas professoras Aline e Gláucia, com monitoria do graduando Douglas. É possível acessar, neste banco, imagens e reflexões sobre o papel da escrita e de outras linguagens nas culturas Akwe, Apinayé, Bororo, Karajá, Guajajara, Kayapó, Krahô, Takapê e Xavante.

Ainda na seção *Outros*, o site do CEDOCH abriga o banco *Produção científica do projeto Para a História do Português Brasileiro, de 1998 a fevereiro de 2019*, elaborado por Ataliba Teixeira de Castilho (USP). Trata-se de um conjunto de referências à produção bibliográfica e técnica dos participantes do projeto, que conta com investigadores de todo o país, interessados em lidar com diferentes faces da história do Português do Brasil. Essas equipes têm produzido materiais que vão desde corpora linguísticos a interpretações de aspectos marcantes na formação e desenvolvimento do PB. Os dados estão distribuídos nas seguintes seções: 1. *In memoriam*; 2. Atas dos seminários nacionais e regionais; 3. Textos sobre direções da Linguística Histórica; 4. Textos de corpora do PHPB; 5. Textos sobre História social e mudança linguística; 6. Textos sobre Mudança gramatical; 7. Textos sobre Linguística diacrônica do texto: processos de construção textual; 8. Textos sobre Tradições discursivas do Português Brasileiro; 9. Textos sobre Semântica diacrônica; 10. Textos sobre Léxico histórico; 11. Série de consolidação História do Português Brasileiro. Alguns dos textos têm links para acesso indicados.

Cabe salientar que, além de tudo o que é disponibilizado no site, o CEDOCH possui acervo físico, que em muitos casos corresponde à versão digital. Esse acervo está organizado em uma importante infraestrutura de pesquisa: 1 sala de pesquisa, 1 sala de reuniões, mobiliário, biblioteca, computadores, leitora de microfilmes, câmeras, projetor. Fotos, filmes, microfilmes, áudios, materiais impressos, datilografados e escritos a mão relativos à história da Linguística constituem esse acervo, montado, ao longo dos anos por meio de doações, aquisições e produção, sempre com o apoio institucional e financeiro do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral da USP. O CEDOCH está localizado na Casa de Cultura Japonesa da USP e segue acolhendo o cotidiano de pesquisa, ensino e extensão fomentado por seus integrantes.

1.2. CATÁLOGO DE GRAMÁTICAS DA LÍNGUA PORTUGUESA DO GRUPO DE PESQUISA HGEL – HISTORIOGRAFIA, GRAMÁTICA E ENSINO DE LÍNGUAS (UFPB/CNPQ)

O grupo de pesquisa HGEL – Historiografia, Gramática e Ensino de Línguas¹⁰, coliderado pelos professores doutores Francisco Eduardo Vieira e Leonardo Gueiros, está sediado no Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em João Pessoa/PB, onde se vincula ao Laboratório de Estudos Sociolinguísticos e Historiográficos (LESH). Atualmente, o grupo também se articula à Universidade Federal do Paraná (UFPR), à Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), reunindo pesquisadores dessas instituições de ensino superior.

Desde sua formação, em 2017, o HGEL vem desenvolvendo trabalhos nos campos da HL e da Linguística Aplicada, em torno dos seguintes temas: a) processos de surgimento, desenvolvimento, recepção, contraposição de teorias, saberes e ideias linguísticas, em especial na história da gramática e na história da Linguística brasileira; b) movimentos de construção da norma-padrão do Brasil, elaborada por diferentes agentes e instrumentos linguísticos; c) práticas pedagógicas (pretéritas e contemporâneas) envolvendo ensino de línguas nos seus diferentes eixos, apresentadas em aulas, livros didáticos, gramáticas escolares, documentos governamentais, currículos, planos de curso, materiais de formação continuada etc. Apesar de sua amplitude, esses eixos temáticos têm estimulado, dentro do grupo, a realização de diversas pesquisas relacionadas à *historiografia da gramaticografia*, como, por exemplo, Ferreira (2021), Mesquita (2023), Vieira (2024) e Maris (2025)¹¹.

A atenção particular a essa linha de pesquisa da HL, entendida como a escrita da história dos processos e das práticas de produção de gramáticas (cf. Gómez Asencio *et al.*, 2014; Swiggers 2020), despertou, entre os pesquisadores do HGEL, o interesse em catalogar gramáticas de língua portuguesa produzidas entre o século 16 e a contemporaneidade. Em um primeiro momento, buscou-se reunir, em um único documento, gramáticas listadas em diferentes investigações historiográficas, a exemplo de Fávero e Molina (2006), Kemmler (2013), Polachini (2018), Vieira (2018), Schäfer-Prieß (2019) e Vidal Neto (2021), bem como gramáticas encontradas de forma esparsa em alguns acervos digitais, tais como a Biblioteca Nacional Digital de Portugal, a Biblioteca Nacional Digital do Brasil e o Acervo Digital da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, da Universidade de São Paulo.

10 Espelho do grupo no Diretório do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq): <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/6433198070413694/>. Endereço eletrônico: <https://www.hgel.com.br/>. Acesso em: 25 nov. 2025.

11 Outras pesquisas do HGEL em historiografia da gramaticografia estão disponíveis no site do grupo, na aba "Publicações".

Inicialmente, o catálogo destinava-se ao uso interno do grupo, sendo um instrumento de apoio às pesquisas em desenvolvimento. Com o tempo, no entanto, ao se refletir sobre os benefícios que um catálogo de gramáticas abrangente poderia trazer para a comunidade acadêmica e com vistas a constituir uma ciência cooperativa e aberta, decidiu-se adaptá-lo e disponibilizá-lo no site do HGEL¹². Objetiva-se, com isso, organizar e facilitar o acesso às gramáticas de língua portuguesa, reunindo-as e direcionando os usuários do site para os links de acesso às obras. Dessa forma, o catálogo busca funcionar como um guia para pesquisadores, professores e estudantes interessados na história da gramaticografia do português.

Disponibilizado publicamente em 2024 e institucionalizado por meio do projeto *Gramaticografia brasileira de língua portuguesa (1801-1830): constituição de acervo e análise da macro-organização sintática* (PIBIC/CNPq 2025-2026), o Catálogo de Gramáticas da Língua Portuguesa configura-se como um produto de práticas situadas no âmbito da epi-historiografia (cf. Swiggers, 2010, 2013), atividade historiográfica que resulta em material documental selecionado, organizado e descrito pelo historiógrafo da linguística em apoio à sua prática interpretativa. Como ação inicial da organização do catálogo, foram realizados o levantamento (coleta, listagem) e o mapeamento (categorização, organização) de gramáticas de língua portuguesa, a partir de uma revisão e ampliação do material anteriormente catalogado. Dado o grande volume de gramáticas de língua portuguesa publicadas nos séculos 19 e 20 (cf. Polachini, 2018; Vidal Neto, 2021), essas atividades iniciais se concentraram em gramáticas cujas primeiras edições datam dos séculos 16 a 18, estendendo-se, posteriormente, às do século 19.

Uma vez que um dos principais objetivos do catálogo consiste em facilitar o acesso às gramáticas, outro movimento necessário foi a busca de versões digitalizadas dos instrumentos levantados e mapeados, preferencialmente aquelas disponibilizadas para download ou, pelo menos, consulta em acervos digitais. Para localizar essas obras de acesso aberto, foram consultados uma série de repositórios acadêmicos, bibliotecas digitais, plataformas institucionais e sites de compartilhamento de documentos, vinculados a instituições públicas e privadas. O Quadro 1 elenca o nome, a entidade responsável e o endereço eletrônico dos principais acervos digitais acessados. Vale salientar que plataformas privadas como o *Google Livros* e a *HathiTrust Digital Library* servem de repositório digital para obras localizadas em bibliotecas de diversas universidades estrangeiras, sobretudo da América do Norte e da Europa:

12 Endereço eletrônico do Catálogo de Gramáticas da Língua Portuguesa do HGEL: <https://www.hgel.com.br/gramaticas-da-lingua-portuguesa>. Acesso em: 25 nov. 2025.

Acervo digital	Entidade responsável	Endereço eletrônico
Acervo Digital da Biblioteca Pública Benedito Leite	Secretaria de Cultura do Maranhão	http://casas.cultura.ma.gov.br/portal/bpbl/acervodigital/
Acervo Digital de Obras Raras da Biblioteca Pública Arthur Viana	Fundação Cultural do Estado do Pará	https://obrasraras.fcp.pa.gov.br/
Biblioteca Digital da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin	Universidade de São Paulo	https://digital.bbm.usp.br/
Biblioteca Digital da Unesp	Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"	https://bibdig.biblioteca.unesp.br/home
Biblioteca Digital de Literatura de Países Lusófonos	Universidade Federal de Santa Catarina	https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/
Biblioteca Digital do Instituto de Estudos Brasileiros	Universidade de São Paulo	https://www.ieb.usp.br/
Biblioteca Digital do Museu Nacional	Universidade Federal do Rio de Janeiro	https://obrasraras.museunacional.ufrj.br/
Biblioteca Nacional Digital – Brasil	Fundação Biblioteca Nacional	https://bndigital.bn.gov.br/
Biblioteca Nacional Digital – Portugal	Biblioteca Nacional de Portugal	https://bndigital.bnportugal.gov.pt/
Biblioteca Virtual das Ciências da Linguagem no Brasil	Universidade Estadual de Campinas	https://www.labeurb.unicamp.br/bvclb
CEL Collections	Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro	https://www.utad.pt/cel/en/home/cel-collections/
Corpus de Textes Linguistiques Fondamentaux (CTLF)	Université Paris Cité	https://ctlf.huma-num.fr/
Google Livros	Google	https://books.google.com/
HathiTrust Digital Library	HathiTrust	https://www.hathitrust.org/
Portal Domínio Público	Ministério da Educação do Brasil	http://www.dominiopublico.gov.br/
Portugalíæ Monumenta Linguística	Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro	https://pml.cel.utad.pt/
Repositório Rui Barbosa de Informações Culturais	Fundação Casa de Rui Barbosa	https://rubi.casaruibarbosa.gov.br/

Quadro 1. Lista exemplificativa dos acervos digitais consultados. Fonte: Elaborado pelos autores.

ALT: Quadro com três colunas. A primeira coluna apresenta o nome do acervo digital; a segunda indica a entidade responsável pela organização e disponibilização do acervo; a terceira contém o link de acesso ao acervo. O quadro é ordenado de acordo com a ordem alfabética dos nomes dos acervos.

Até o momento, o catálogo reúne 73 gramáticas publicadas entre os séculos 16 e 19, com um total de 116 edições e reedições. Esses números, porém, não devem ser tomados como definitivos, uma vez que o inventário está em construção contínua e tende a ser ampliado à medida que novas digitalizações se tornem acessíveis ou sejam localizadas em acervos digitais. Desse conjunto, encontram-se três gramáticas do século 16 (sete edições e reedições), duas do século 17 (duas edições), oito do século 18 (dezessete edições e reedições) e sessenta do século 19 (noventa edições e reedições).

Em relação ao modo de organização, o catálogo está dividido em séculos, e as gramáticas são listadas considerando-se o ano de publicação da primeira edição, tomada como referência por situar a obra no contexto histórico e intelectual em que foi originalmente produzida. No caso de

gramáticas cujas primeiras edições tenham sido publicadas no mesmo ano, apresentam-se as obras em ordem alfabética do título. Havendo coincidência simultânea de título e ano, aplica-se, então, a ordem alfabética do nome do autor como critério de organização. As reedições, que podem se limitar ao mesmo período ou se estender ao longo dos séculos seguintes, são reunidas na mesma entrada, pois, embora atualizem aspectos materiais das gramáticas, não desfazem o vínculo da obra com o momento em que surgiu. É o caso, por exemplo, da *Grammatica da lingua portuguesa*, de João de Barros (1496–1570/71), classificada como obra do século 16 por ter sido publicada primeiro em 1540, ainda que conte com outras edições em 1785 (2ª edição) e 1957 (3ª edição), disponibilizadas no catálogo também na entrada referente ao século 16. Nesse sentido, o acervo mantém as obras articuladas à sua data de origem, evitando dispersões e oferecendo uma linha temporal mais clara para a observação de continuidades e discontinuidades que atravessam a gramaticografia de língua portuguesa.

Cada século conta com um buscador suspenso que permite ao usuário filtrar as gramáticas por autoria, nacionalidade dos autores e década de publicação de sua primeira edição. Essa ferramenta foi incorporada para ampliar os recursos de consulta, permitindo tanto focalizar a produção de um autor específico, já que todas as suas obras e edições aparecem reunidas no resultado de busca, quanto observar conjuntos de gramáticas vinculados a determinadas tradições nacionais (brasileira, portuguesa, entre outras) ou que vieram a lume em uma mesma época, abrindo espaço para estudos comparativos, sincrônicos e diacrônicos. Dessa maneira, o catálogo pode servir como instrumento para facilitar o acesso a fontes utilizadas em investigações historiográficas com diferentes enfoques.

Ainda no tocante às estratégias de organização e mediação com os usuários, vale destacar que o catálogo identifica as gramáticas pelo título conforme consta na primeira edição, seguido dos nomes dos autores e, quando possível, de seus respectivos anos de nascimento e morte. Em algumas situações, para otimizar a navegação no site, foi necessário resumir o título da gramática. Foi o que aconteceu, por exemplo, com a gramática de Jeronymo Contador de Argote (1676–1749) publicada em 1721, cujo título completo *Regras da lingua Portuguesa, Espelho da lingua Latina, Ou disposiçam Para facilitar o ensino da lingua Latina pelas regras da Portuguesa* foi resumido em *Regras da lingua Portuguesa, Espelho da lingua Latina*. Logo abaixo dos nomes dos autores, figuram, em ordem cronológica, os anos de publicação das edições disponíveis no site, acompanhados de sua numeração e dos nomes da cidade e do país onde foram impressas. Cada gramática conta também com uma página própria, que reúne as referências bibliográficas completas de cada edição, o link de acesso e, quando necessário, notas elaboradas pelos pesquisadores envolvidos no projeto para contextualizar determinados aspectos da publicação ou justificar escolhas e critérios adotados no processo de catalogação. É nessa seção que se registra, por exemplo, a atribuição de autoria de Francisca Chantal Álvares (1742–?) ao *Breve compendio da gramatica portugueza* (1786), obra

publicada sem indicação autoral, cuja autoria foi identificada a partir do estudo historiográfico conduzido por Kemmler, Assunção e Fernandes (2010)¹³.

Atualmente, a gestão do catálogo conta com a participação do professor Anderson Rany Cardoso da Silva (UEPB) e de dois estudantes de doutorado e um de iniciação científica da UFPB, todos coordenados pelo professor Francisco Eduardo Vieira. Como ações futuras para a ampliação do catálogo, destacam-se: i) o levantamento, o mapeamento e a disponibilização de gramáticas de língua portuguesa publicadas nos séculos 20 e 21; ii) a busca, a identificação e a recuperação de gramáticas dos séculos anteriores ao 20 ainda não localizadas, em acervos físicos e digitais. Em relação a essas ações, no caso de obras protegidas por direitos autorais e ainda em circulação no mercado editorial, tais como as gramáticas publicadas no final do século 20 e no século 21, pretende-se direcionar os usuários para as páginas das editoras, onde as gramáticas estão disponíveis para aquisição. Quanto às obras em domínio público, para além dos levantamentos em acervos digitais, também se propõe realizar atividades de preservação, digitalização e disponibilização de gramáticas de língua portuguesa que se encontram apenas em formato físico. A atividade de digitalização, em específico, será realizada no já mencionado LESH – Laboratório de Estudos Sociolinguísticos e Historiográficos da UFPB, a partir de obras em suporte impresso que se encontrem no acervo do HGEL ou nas bibliotecas particulares de seus membros.

Com a manutenção permanente e com a ampliação das obras disponibilizadas no Catálogo de Gramáticas da Língua Portuguesa, espera-se contribuir com o enfrentamento de dificuldades de acesso a fontes, um dos principais problemas da HL relacionados às condições heurísticas da pesquisa. Nesse mesmo sentido, cabe mencionar que, a longo prazo, pretende-se expandir o projeto com a criação de catálogos de gramáticas de outras línguas, como as de língua latina e de língua francesa, sempre em uma perspectiva abrangente. Além disso, considerando que esse catálogo do HGEL reúne obras produzidas por diversos agentes e publicadas em diferentes períodos e lugares, pode-se dizer também que ele contribui com o fomento de uma *historiografia decolonial* (cf. Coelho, 2024). Afinal, ao não reduzir o seu acervo a um conjunto de gramáticas tidas como mais prestigiadas no cânone historiográfico de língua portuguesa (em geral produzidas por homens atuantes em instituições tradicionais dos grandes centros geopolíticos do Brasil e de Portugal), o catálogo promove uma ampliação e diversificação do conjunto de fontes de interesse investigativo para novas pesquisas.

13 À guisa de exemplo, segue a nota referente à autoria do *Breve compendio da gramatica portugueza* (1786): "A autoria da obra foi elucidada em estudo historiográfico conduzido por Kemmler, Assunção e Fernandes (2010), que também constataram que a autora, Francisca de Chantal Álvares, tinha como nome Ana Inácia do Coração de Jesus antes de se tornar uma religiosa visitandina. Para mais informações, consultar: KEMMLER, R.; ASSUNÇÃO, C.; FERNANDES, G. A primeira gramática portuguesa para o ensino feminino (Lisboa, 1786). *Diacrítica: série ciências da linguagem*, Braga, v. 24, n. 1, p. 373-393, 2010".

Por fim, convém destacar alguns desafios previstos para as etapas futuras do projeto. Considerando o objetivo inicial de reunir o maior número possível de fontes, não foram estabelecidos critérios de seleção que limitassem a construção do acervo de gramáticas produzidas entre os séculos 16 e 19. Com isso, foram incluídas obras destinadas a segmentos escolares distintos, tais como as diferentes gramáticas publicadas por João Ribeiro (1860-1934) na década de 1880, bem como gramáticas de português destinadas a estrangeiros, a exemplo da *Nova grammatica portugueza dividida em VI Partes* (1785), de Abraham Meldola (1754-1826). Entretanto, a partir do século 20, houve uma série de transformações nos cenários escolar, social e científico que acarretaram mudanças também no cenário gramaticográfico. No Brasil, por exemplo, surgem obras que visam atender a demandas e propósitos sociais relacionados a questões como: i) as novas orientações dos currículos escolares; ii) a cobrança de conhecimentos gramaticais em provas de concurso público; iii) o desenvolvimento de estudos linguísticos sobre a descrição do português brasileiro, associados à crítica ao ensino da norma-padrão. Ao mesmo tempo, os avanços tecnológicos e as mudanças no mercado editorial provocaram um aumento expressivo no número de publicações.

Nesse sentido, a complexidade dos novos contextos de produção de gramáticas coloca em suspenso algumas questões que ainda exigem reflexão. Entre elas, destacam-se: de que modo incluir, em futuros desdobramentos do catálogo, gramáticas escolares da segunda metade do século 20 já epi-historiografadas em pesquisas do HGEL (cf. Ribeiro, 2021; Silva, 2025), bem como, eventualmente, em outros estudos? Como integrar gramáticas contemporâneas de concursos mapeadas, com pretensão de exaustividade, em Batista (2024), tese de doutorado desenvolvida no grupo? Com base em quais critérios se deve organizar as gramáticas do português brasileiro escritas por linguistas (cf. Faraco; Vieira, 2016)? Essas indagações delineiam desafios que o HGEL ainda precisará enfrentar para dar continuidade à construção desse e de outros catálogos de gramáticas.

1.3. DOSSIÊ GRAMÁTICAS E DICIONÁRIOS DO PORTUGUÊS (FBN E FCRB)

O dossiê *Gramáticas e dicionários do português* da Fundação Biblioteca Nacional (FBN) está hospedado no site da BN Digital, entre diversos outros dossiês, os quais tratam de temas variados a partir de pesquisas elaboradas sobre o acervo da FBN. Esse dossiê trata do acervo de gramáticas e dicionários da FBN e das bibliotecas da Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB), a primeira, grandiosa, por ser a maior do país, a segunda, luxuosa, por conter as bibliotecas de Rui Barbosa e outros grandes eruditos brasileiros. Vale mencionar que a escolha por gramáticas e dicionários como objeto deste dossiê foi influenciada pela noção de gramatização de Sylvain Aurox (2014 [1992]), que os considera os pilares do nosso saber metalinguístico. Este é um trabalho em desenvolvimento, então, ainda que o pesquisador já possa acessar o dossiê desde dezembro de 2024 no site da BN Digital, tem havido acréscimos de conteúdo à medida que as pesquisas avançam.

As raízes do dossiê estão no artigo *Uma coleção de gramáticas*, publicado por Irineu Corrêa (2009), que tratou do acervo de gramáticas da FBN e fez uma listagem dele, com auxílio das bibliotecárias Maria das Graças Gonçalves da Silva e Liora Mandoju. Posteriormente, entre 2022 e 2024, a lista inicial foi complementada pela bibliotecária e pesquisadora Darlene Alves Bezerra e pela pesquisadora Maria Cristina Antonio Jeronimo, que tiveram apoio da FAPERJ¹⁴, com a orientação dos pesquisadores da área de Letras José Carlos de Azeredo, Afrânio Gonçalves Barbosa, Alexandre Xavier Lima e o próprio Irineu Corrêa. Além disso, usou-se como base para esta lista o levantamento de gramáticas brasileiras oitocentistas feito por Bruna Polachini (2018) em sua tese de doutorado, hoje disponível no site do CEDOCH-USP (Centro de Documentação em Historiografia Linguística da Universidade de São Paulo, explorado no item 1.1), e os textos de Maciel (1910), Nascentes (1939), Sílvia Elia (1975) e Ricardo Cavaliere (2001, 2014). Fez-se, então, um levantamento quase exaustivo das obras gramaticais da FBN, totalizando 683 títulos e edições, publicados entre 1513 e 1960, incluindo gramáticas latinas e gramáticas do português em outras línguas.

Tais explorações e levantamento são parte do projeto *A gramatização no Brasil: língua e construção da nacionalidade no acervo da Biblioteca Nacional – 1808-1930* da FBN, iniciado em 2021, o qual era parte integrante das comemorações dos 200 anos de Independência do Brasil. Houve, assim, uma redução da periodização para, aproximadamente, os primeiros cem anos de Independência do país e estabeleceu-se a periodização de 1808 a 1930, considerando-se, como ponto de início a elevação do Brasil a Reino, e como termo, o final da Primeira República, tendo-se em conta que esse foi um período de autonomização do Brasil, processo que envolveu questões linguísticas diversas. Foram selecionadas, dentro desse contexto, 464 obras gramaticais publicadas entre 1804 e 1930¹⁵.

Desse conjunto, foram escolhidas 69 gramáticas sobre a língua portuguesa para integrar a primeira edição da coleção do dossiê, que já podem ser acessadas no site da BN Digital. Dentre essas, uma lista com 28 obras foi encaminhada à área responsável solicitando diagnóstico referente a intervenções de conservação e restauração e, em sequência, sua digitalização. O resultado desta colaboração resultou na conservação e digitalização dos livros indicados e a sua disponibilização no acervo digital da instituição. Atualmente, a equipe realiza a seleção de obras gramaticais da FCRB para incluí-las futuramente no dossiê.

A seleção de dicionários, por sua vez, foi conduzida sobretudo pela pesquisadora Laura do Carmo, da FCRB, com apoio de bolsistas PIBIC-CNPq e bolsistas da FCRB. A busca de obras se

14 O projeto teve apoio da Faperj entre janeiro de 2022 e dezembro de 2023.

15 Dado que houve importantes publicações anteriores a 1808, como o *Diccionario da lingua bunda, ou angolense, explicada na portugueza, e latina*, de Bernardo Maria Cannecattim (1804), e o *Epitome da grammatica da lingua portugueza*, de Antonio Moraes e Silva (1806), a periodização inicial – estabelecida por um fato sócio-histórico – foi estendida em quatro anos.

iniciou pela FBN e depois foi complementada pela FCRB. Como o número de obras desse tipo é bem menor, foi possível incluir no dossiê todos os 50 dicionários de língua portuguesa e publicados entre 1804 e 1930 encontrados na FBN. Cerca de 60 títulos da FCRB estão sendo incluídos no dossiê. Os textos lexicográficos contrastivos entre português e línguas africanas e indígenas brasileiras também foram incluídos na coleção. Como bibliografia de controle, utilizou-se os trabalhos Átila de Almeida (1988) e Telmo Verdelho (2007). Em artigos de Corrêa, Jeronimo e Carmo (2023) e de Corrêa e Jeronimo (2023), há informações detalhadas sobre os levantamentos das gramáticas e dos dicionários.

A lista de todas gramáticas e dicionários, suas informações e o direcionamento para seu acesso físico ou digital encontra-se na seção do dossiê denominada “Coleção”, em que as obras são organizadas pelo critério cronológico, em seções divididas por décadas, e são apresentadas aos pesquisadores conforme os exemplos a seguir.

Para cada obra, é apresentada a imagem da folha de rosto, coletada no acervo da FBN ou da FCRB, referência da obra no formato ABNT, mantendo-se a grafia original, e a indicação da disponibilidade do texto para consulta presencial, na FBN ou na FCRB, ou remota nos sites destas instituições ou outras, mas sempre considerando a mesma edição presente nos acervos. Muitas obras já foram digitalizadas pela FBN e FCRB em razão do projeto, como explicado acima. Outras devem passar por esse processo em breve – estão sendo priorizadas aquelas que ainda não foram digitalizadas por outras instituições. Na Figura 1 e na Figura 2, é possível observar como as obras são apresentadas na seção Coleção do dossiê.

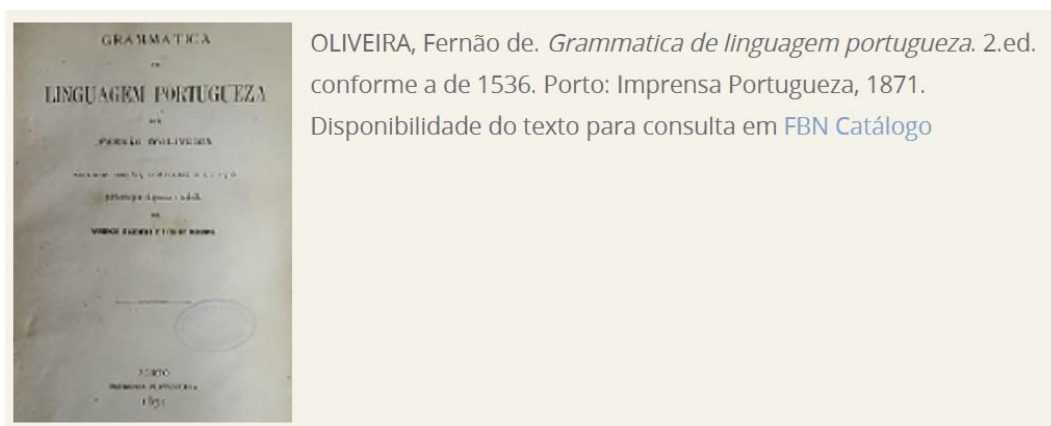


Figura 1. Ilustração de aparência de obra da Coleção do dossiê *Gramáticas e dicionários do português*. Fonte: Site do dossiê na BN Digital com reprodução de imagem de Obra do acervo da Fundação Biblioteca Nacional.

ALT: A imagem retrata um recorte da exposição de uma das obras na seção “Coleção” do Dossiê, em que há uma miniatura da folha de rosto da obra “Grammatica da linguagem portugueza”, de Fernão de Oliveira. À sua direita, estão os dados da obra inseridos pelos pesquisadores do Dossiê, a saber: referência da obra de acordo com as normas ABNT e a informação sobre a disponibilidade do texto para consulta física no catálogo da FBN.

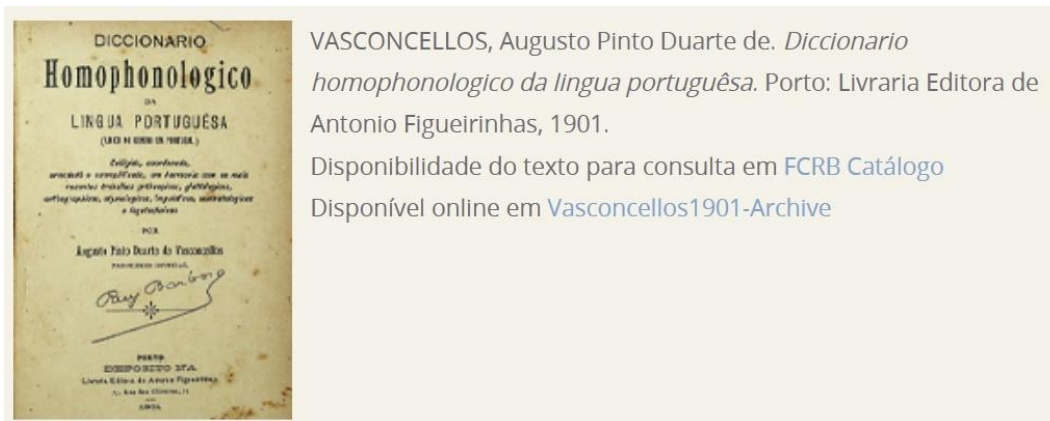
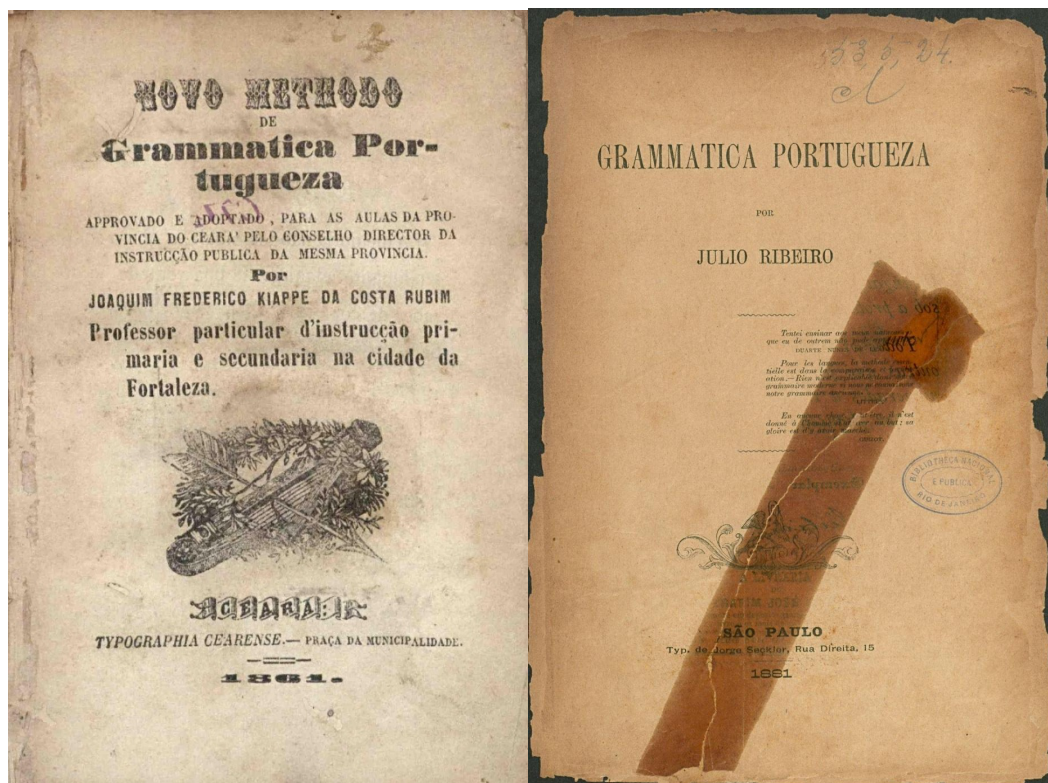


Figura 2. Ilustração de aparência de obra da Coleção do dossiê *Gramáticas e dicionários do português*. Fonte: Site do dossiê na BN Digital com reprodução de imagem de Obra do acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa.

ALT: A imagem retrata um recorte da exposição de uma das obras na seção “Coleção” do Dossiê, em que há uma miniatura da folha de rosto da obra “Dicionário homophonológico da língua portuguesa”. À sua direita, estão os dados da obra inseridos pelos pesquisadores do Dossiê, a saber: referência da obra de acordo com as normas ABNT, informação sobre a disponibilidade do texto para consulta física no catálogo da FCRB e sua disponibilidade on-line no site Archive.org.

O acervo de gramáticas do português selecionado para o dossiê é rico em dois sentidos. Primeiramente por conter obras que foram e têm sido muito estudadas na gramaticografia brasileira e portuguesa, conhecidas por sua teorização e/ou complexa descrição da língua portuguesa, como o *Epitome da grammatica portugueza*, de Moraes Silva (1806), e a *Grammatica portugueza*, de Júlio Ribeiro (1881). Por outro lado, é nesse acervo, e por vezes somente nele, que são encontradas obras mais pedagógicas dessa tradição, as quais preconizam o ensino sobre a descrição linguística – conforme os estudos de Barbosa e Azeredo (2018), Barbosa (2023) e Polachini (2023) –, como o *Compêndio de grammatica da lingua portugueza*, de Silveira (1855) ou o *Novo methodo de grammatica portugueza*, de Rubim (1861). Adiante, na Figura 3 e na Figura 4, estão as folhas de rosto de duas obras simbólicas dos dois grupos supramencionados.

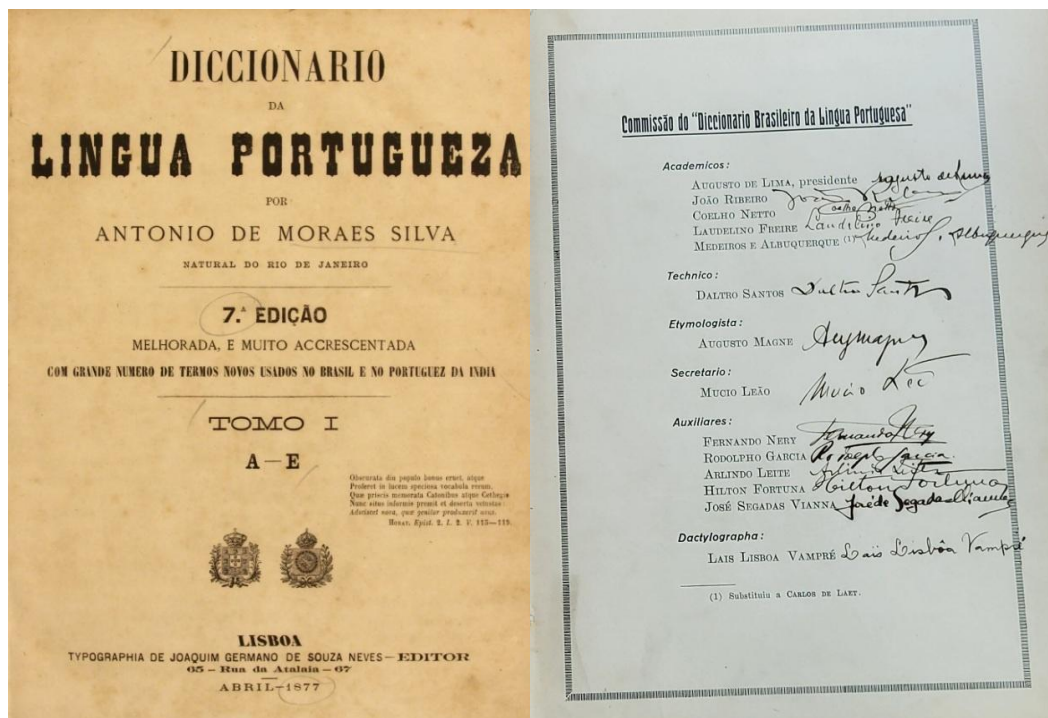


Figuras 3 e 4. Folhas de rosto das gramáticas de Rubim (1861) e de Ribeiro (1881) do acervo da FBN. Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional.

ALT: Reprodução da folha de rosto do livro “Novo methodo de Grammatica Portugueza”. Na qual se informa que a obra é destinada às aulas da Província do Ceará, aprovada pelo Conselho Director da Instrução Publica. O autor é identificado como Joaquim Frederico Kippe da Costa Rubim, professor na cidade da Fortaleza. O rodapé indica a impressão pela “Typographia Cearense” em 1861. Há também no centro da capa a imagem de um arco-e-flecha com uma guirlanda de folhas.

ALT: Reprodução da folha de rosto do livro “Grammatica Portugueza” na qual consta entre as informações o nome do autor, Julio Ribeiro e três epígrafes em fonte itálica e menor. Na parte inferior, lê-se São Paulo, Typ. de Jorge Seckler e a data de 1881. Há também um carimbo oval de biblioteca no lado direito, e um desenho ornamental pouco visível e o carimbo de uma livraria chamada Joaquim José.

Quanto aos dicionários, além dos consagrados de Moraes, Aulete, Cândido de Figueiredo, o dossiê contém os dicionários parciais ou de complemento mais conhecidos, como os de brasileirismos de Braz da Costa Rubim (*Vocabulario brasileiro: para servir de complemento aos dictionarios da lingua portugueza*, 1853), de Henrique de Beaupaire-Roham (*Diccionario de vocabulos brasileiros*, 1889), de Macedo Soares (*Diccionario brasileiro da lingua portugueza*, 1889) e *Lexico de termos technicos e scientificos*: ainda não apontados nos dicionários da língua portuguesa, de Affonso d’E. Taunay (1909). Há outros menos conhecidos, como o *Vestígios da língua arábica em Portugal*, de 1830, de João de Sousa; ou o exemplar com assinatura dos membros da comissão responsável pelo *Dicionário brasileiro da língua portuguesa*, da ABL (1928), de “a” a “abantes”. Adiante, na Figura 5 e na Figura 6, estão as folhas de rosto de dois dicionários da coleção, o consagrado de Moraes Silva e o menos conhecido da ABL.



Figuras 5 e 6. Folha de rosto da sétima edição do dicionário de Antonio de Moraes Silva (1877) e folha com assinatura dos membros da Comissão responsável pelo dicionário ABL (1928). Fonte: Acervos da Fundação Casa de Rui Barbosa (Moraes Silva) e da Fundação Biblioteca Nacional (ABL).

ALT: Reprodução da folha de rosto do livro "Dicionário da Língua Portuguesa", de autoria de Antonio de Moraes Silva. Abaixo do nome, lê-se "7ª Edição, melhorada, e muito acrescentada". O texto destaca a inclusão de termos novos usados no Brasil e no "Portuguez da Índia". No centro, há dois brasões. No rodapé, as informações de publicação indicam Lisboa, pela Typographia de Joaquim Germano de Souza Neves, datada de Abril de 1877.

ALT: A imagem exibe uma folha de papel oficial, com uma moldura retangular. No topo, o título diz: "Comissão do 'Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa'". O documento lista diversos cargos e nomes, como "Acadêmicos", "Philologo", "Etimologista", "Secretario" e "Auxiliares". Ao lado de cada nome impresso, há assinaturas manuscritas originais em tinta preta.

A fim de facilitar o trabalho do pesquisador e tornar o passeio do curioso pela coleção mais interessante, está em processo o acréscimo de um parágrafo descritivo sobre cada uma das obras na seção Coleção, nomeado de "Saiba mais". Tal parágrafo, já publicado em algumas obras da Coleção, permite que o leitor tenha informações fundamentais sobre ela de forma imediata. Pretende-se que, até o final de 2026, todas as obras estejam descritas dessa forma pelos integrantes da equipe. Adiante, dois exemplos de "Saiba mais":

PINTO, Luiz Maria da Silva. *Diccionario da lingua brasileira*. Ouro Preto: Typographia de Silva, 1832. Saiba mais: O Dicionário da língua brasileira (1832), de Luís Maria da Silva Pinto (1775 Goiás-1869? Ouro Preto?), é a primeira obra de referência publicada no Brasil. Embora seja um acontecimento expressivo, por ter sido o primeiro dicionário impresso aqui e por ter em seu título a locução "língua brasileira", significando língua portuguesa falada no Brasil, a obra não tem repercussão na história da lexicografia. O dicionário é cópia da edição de 1817 do dicionário da Tipografia Rollandiana. Não há contribuição de Silva Pinto quanto a distinções entre o léxico brasileiro e o de além-mar.

SANTOS, Hemetério José dos. *Grammatica portugueza*. Rio de Janeiro: Livraria Classica de Alves & C, 1897. Saiba mais: *Filho de um senhor e de uma escravizada, Hemetério José dos Santos (1858-1939) nasceu no interior do Maranhão, mas mudou-se na década de 1870 para o Rio de Janeiro, onde tornou-se professor de Português em diversas instituições, entre elas a Escola Normal e o Colégio Militar. Era um homem negro e estava envolvido em movimentos abolicionistas. Escreveu uma gramática, publicada no final da década de 1870, baseada na gramática filosófica. Posteriormente, modificou seu ponto de vista e adotou o método histórico-comparativo, como na referida obra de 1897. Além de gramático, tinha amplo conhecimento pedagógico e literário, tendo feito conferências e publicado obras sobre essas temáticas.*

Além da “Coleção”, que é a estrutura e ponto central do dossiê, há outras seções relevantes. Uma delas é a “Linha do Tempo”, a qual contém uma cronologia que mescla acontecimentos sócio-históricos e edições de algumas gramáticas e dicionários. Os títulos e edições elencados nesta linha do tempo são aqueles que têm maior representatividade na história das ideias linguísticas nacionais, no gênero de obra em questão ou na história editorial. Os fatos selecionados, de alguma maneira, se integram ou refletem no pensamento sobre a língua. Essa cronologia é um exercício em construção, como toda escrita da história. Adiante, na Figura 7, está a imagem da página inicial da Linha do Tempo no dossiê.



Figura 7. Ilustração de aparência da “Linha do Tempo” no dossiê *Gramáticas e dicionários do português*. Fonte: Dossiê na BN Digital. ALT: A imagem apresenta um banner digital com o título “Gramáticas e Dicionários do português” em letras maiúsculas brancas. Ao fundo, há fotografias de dois edifícios neoclássicos: a Casa de Rui Barbosa e a Biblioteca Nacional. Sobreposta à base da imagem, encontra-se uma interface de linha do tempo interativa com três categorias horizontais: “Dicionários”, “Gramáticas” e “Estudos”. Diversos marcadores pretos com nomes de obras e autores estão distribuídos ao longo de uma régua cronológica vermelha na parte inferior.

A primeira obra indicada na “Linha do Tempo” é o *Diccionario da lingua bunda, ou angolense, explicada na portugueza, e latina*, publicado em Lisboa, em 1804, pelo frei italiano Bernardo Canneccattim – um exemplo da diversidade de interesses do reino. A primeira gramática apresentada é a de Antônio Morais Silva, publicada na mesma cidade, em 1806. O primeiro acontecimento sócio-histórico é a vinda da família real e a corte portuguesa para o Rio de Janeiro, o que levou a

importantes mudanças culturais e intelectuais no Brasil de então. Outro acontecimento é o Ato Adicional à Constituição de 1834, que deu às províncias maior autonomia e responsabilidade sobre a educação local. A partir de então foi comum ver a publicação de obras destinadas a províncias específicas em seus títulos ou subtítulos. Outros eventos listados são a criação do Colégio Pedro II, do IHGB, da ABL, a Proclamação da República, a Semana de Arte Moderna, entre outros, encerrando-se com a Revolução de Outubro de 1930.

Graficamente, a linha do tempo é composta por uma imagem, em geral do acervo da FBN, que representa aquele fato sócio-histórico, ou, quando se trata de uma obra do acervo, é representada por sua ficha catalográfica. Além disso, há uma subseção chamada “Efemérides” em que os fatos históricos e sua relação com a publicação de gramáticas e dicionários são explicados em cerca de um a três parágrafos pelos pesquisadores do dossiê. Dessa forma, além de conhecer as obras, o leitor ou pesquisador pode adentrar, de maneira dinâmica, nos acontecimentos relevantes no período de sua produção.

Finalmente, outra importante seção do dossiê é a denominada “Informação especializada”, que é composta pelos Quadros de Elementos Descritivos das obras da coleção e também por um sistema de busca em planilha. Os Quadros de Elementos Descritivos são resultado do trabalho de anos a fio da equipe do projeto. A ideia é que eles sejam base documental para pesquisas sobre dicionários e gramáticas dos ricos acervos da FBN e da FCRB. Neles, é feita a descrição material, conceitual e relacional das obras da coleção.

Pelo fato de a coleção fazer parte do acervo de duas bibliotecas – FBN e FCRB –, sua descrição está, também, baseada em critérios da Ciência da Informação. As áreas descritivas dos quadros são baseadas em três modelos: o *International Standard Bibliographic Description (ISBD)*, o *Anglo-American Cataloging Rules, 2nd edition (AACR2R)*, e o *Library Reference Model (LRM)* e *Resource Description Access (RDA)*. Darlene Alves Bezerra foi a responsável por organizar o quadro e as informações que deveriam constar nele, conforme explana em artigo (Bezerra, 2023).

O quadro se inicia tratando do título principal, subtítulo, responsabilidade/autoria, apresentação/introdução (textos iniciais), nota do editor/autor, prefácio, posfácio (seções pós-textuais), edição, local, data e editora. Há também uma seção destinada à descrição física da obra, contendo número de páginas, ilustrações e dimensões, caso seja uma obra em série, pode-se descrever isso também no quadro. Em seguida, o leitor encontra os paratextos da obra, como dedicatória, errata, ex-libris, carimbo da coleção, anotações autógrafas, bibliografia, índice e colofão. Nesta seção está incluída também a categoria “raridade ou importância”, em que pode ser feito o comentário de um especialista sobre a especificidade daquela obra. Por fim, há no quadro a seção chamada “relacionamentos”. Nesta última seção, há dados sobre a disponibilidade da obra em acervos *on-line* diversos. Em seguida, trata-se da relação da obra com outras, observando-se: 1) outros exemplares da edição (que façam parte dos acervos da FBN ou FCRB), 2) outros títulos do

autor na coleção. Além disso, procura-se apresentar uma breve notícia sobre o autor e, por fim, a fortuna crítica da obra.

Finalmente, o sistema de busca em planilha supramencionado foi implantado recentemente no Dossiê. Dada a impossibilidade técnica de se criar um sistema de busca para as obras, os dados da coleção foram organizados em uma planilha, dividida por abas, as quais ressaltam algum aspecto da obra para ordená-las, como seu autor, seu local ou tipografia de publicação. Dessa forma, o pesquisador, tendo ou não uma questão ou uma palavra-chave, acessa os dados ordenados pela equipe de pesquisa. É como um visitante de uma biblioteca vagando por suas estantes de obras, dispostas lado a lado: se tiver um direcionamento, ele será guiado conforme a ordenação e encontrará o que deseja – e, ainda, poderá ver o que está ao lado, ao redor, e encontrar bem-vindas surpresas em sua busca. Se não tiver um direcionamento ou questão inicial, ainda assim, ele acessará o material e poderá explorá-lo de formas variadas.

O propósito do dossiê é divulgar e organizar gramáticas e dicionários existentes nos acervos da FBN e da FCRB, mas não só. O mapeamento dos títulos e o estabelecimento da coleção pretende colaborar com os estudos sobre a formação do pensamento gramatical e linguístico no Brasil e cooperar com as investigações sobre questões mais descritivas ou mesmo normativas das obras. A publicação, além de apresentar a peculiar riqueza desses acervos quanto às gramáticas e aos dicionários de português, serve também como fonte epi-histórica, isto é, organiza e classifica materiais documentais que podem servir de fonte para pesquisas diversas.

1.4. MUGRA – WEB-MUSEU DA GRAMÁTICA (UFU/FAPEMIG)

O Web-Museu da Gramática (MuGra) surgiu das discussões e dos interesses de pesquisa do NormaLi – Núcleo de Estudos da Norma Linguística¹⁶, no âmbito do Instituto de Letras e Linguística (ILEEL) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), articulado aos cursos de graduação e aos programas de pós-graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL) e ao Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS). Em funcionamento desde 2018, o NormaLi reúne pesquisadores e estudantes da UFU e de outras instituições nacionais e estrangeiras, dedicados à reflexão crítica sobre a língua em suas relações sociais, especialmente nas tensões entre usos e modelos normativos registrados pelas gramáticas. É nesse espaço de pesquisa, formação e extensão que o MuGra foi concebido e desenvolvido, sob a coordenação do professor Leandro Silveira de Araujo.

A proposição do MuGra foi motivada pela constatação de lacunas na divulgação científica sobre a gramática e seu processo histórico de constituição. Embora a gramática ocupe algum lugar na

16 Espelho do grupo no Diretório do CNPq: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/458757>. Acesso em: 11 fev. 2026.

formação escolar e no debate público, os conhecimentos produzidos pela Linguística e pela Historiografia da Gramática permanecem, em grande medida, restritos ao meio acadêmico, com baixa circulação social e pouca adequação a formatos acessíveis ao público não especializado. Essa distância contribui, somados a outros fatores, para a manutenção de concepções simplificadoras e prescritivas da gramática, frequentemente dissociadas de seus contextos de produção, finalidades e historicidade.

Somou-se a esse diagnóstico a demanda pela formação de pesquisadores em Gramaticografia, área ainda pouco explorada nos cursos de Letras, apesar de sua relevância para compreender, entre outros, a construção das normas linguísticas e o papel das gramáticas na organização social da língua. Observou-se, assim, a necessidade de um espaço que favorecesse o contato sistemático com diferentes tradições gramaticais, obras, autores e modelos descritivos, permitindo leituras críticas de seus pressupostos teóricos, ideológicos e pedagógicos. Por fim, o contexto da pandemia de Covid-19 reforçou a urgência de consolidar ambientes digitais permanentes de produção, circulação e compartilhamento de saberes. A ausência de um espaço virtual dedicado especificamente à gramática, que articula pesquisa, ensino e extensão, reforçou a proposta do MuGra como resposta a essas demandas.

Nesse horizonte, o MuGra foi concebido para dialogar com um público amplo e heterogêneo, para além do meio acadêmico, sem abdicar do rigor científico. Constitui-se como recurso formativo para professores em formação e em exercício, oferecendo subsídios teóricos e históricos mobilizáveis no ensino de língua materna e de línguas estrangeiras. Atende também a estudantes de graduação e pós-graduação em Letras e Linguística e a pesquisadores, que encontram no acervo um espaço de consulta, análise e circulação de dados sobre gramáticas, tradições descritivas e processos de normatização linguística. Além disso, abre-se ao público geral interessado na língua, na história dos saberes linguísticos e no funcionamento das normas. Devido a essas características, o MuGra recebeu financiamento da FAPEMIG por meio de chamadas destinadas ao custeio de projetos de extensão universitária e divulgação científica.

O Web-Museu toma a gramática como objeto histórico e cultural, reunindo obras de diferentes épocas (desde o século 16), autores e contextos, especialmente da América e da Europa. Seu acervo permite leituras comparativas ao expor gramáticas do português, do espanhol e do francês, evidenciando diálogos entre tradições gramaticais neolatinas. Abrange gramáticas teóricas e escolares, voltadas ao ensino de línguas maternas e estrangeiras, possibilitando observar mudanças nos modelos de descrição, de norma e de ensino. De modo complementar, reúne atividades escolares, vídeos de aulas e conferências, trabalhos acadêmicos e exposições lúdicas, ampliando as formas de acesso, circulação e apropriação do conhecimento.

A constituição do acervo do MuGra organizou-se em dois momentos complementares. O primeiro, praticamente concluído e já disponível no site do web-museu (mugra.com.br), consistiu na inserção e sistematização de dados oriundos de pesquisas de Iniciação Científica (PIBIC –

CNPq/FAPEMIG), baseadas na consulta a acervos de bibliotecas universitárias e de instituições de preservação brasileiras e estrangeiras. Essa etapa privilegiou três tradições gramaticais neolatinas: espanhola (Araujo; Freitas, 2020; Araujo, 2024a), portuguesa (Araujo; Melazo, 2020; Araujo, 2024b) e francesa (Medina, 2024; Cruz, 2024; Cruz et al., 2025). Como critério de inserção, adotou-se a aderência das obras às respectivas tradições e sua acessibilidade, seja em formato digital, seja por consulta presencial ou aquisição em livrarias. O segundo momento, em fase inicial, dedica-se à compilação de gramáticas voltadas ao ensino de línguas estrangeiras, produzidas ou em circulação em países do da América do Sul. O levantamento preliminar, já em andamento (Araujo, 2024c, 2024d; Cruz et al., 2025), será seguido de triagem, análise e disponibilização sistemática das obras no acervo, ampliando o viés comparativo e as especificidades da plataforma.

A proposição e a organização desse acervo foram orientadas pela consulta a bases documentais especializadas, como a *Biblioteca virtual de la filología española* (BVFE), o projeto *Diversidad lingüística en la enseñanza del español en Cataluña* (DLEEC), o *Documenta* (CEDOCH/USP), o *Portugalæ monumenta linguistica*, o *Corpus de textes linguistiques fondamentaux* (CTLF) e o projeto *Hispanagrama* (Universidad de Córdoba). A análise dessas iniciativas forneceu parâmetros para a definição dos critérios de catalogação, organização dos metadados e formas de apresentação dos conteúdos no MuGra, além de evidenciar a necessidade de um espaço de acesso aberto que integrasse descrição historiográfica, comparação entre tradições gramaticais e mediação didática.

Quanto à organização do acervo, o MuGra adota um método de coleta e sistematização baseado em duas categorias analíticas complementares: aspectos extratextuais e intratextuais. A primeira reúne informações sobre a concepção da obra, contemplando dados do autor (nome, nacionalidade, formação, atuação profissional e publicações) e da obra analisada (título, data e local da primeira edição, número de edições, edição analisada, editora e idioma). A segunda concentra-se nas concepções linguísticas e didáticas mobilizadas no texto, incluindo tipologia da gramática (cf. Araujo, 2020), exercícios, design gráfico, organização do sumário, classificação das classes de palavras, corpus de referência, objetivos declarados, concepções de língua, norma, gramática e ensino, além das inspirações teóricas explícitas.

Esses dados são registrados em um formulário padrão desenvolvido para o Web-Museu da Gramática e disponibilizado junto a cada item do acervo. O formulário organiza de modo claro e sistemático as informações coletadas, explicita os critérios analíticos adotados pelo MuGra e facilita a comparação entre obras, autores e tradições gramaticais. Na sequência, a Figura 8 ilustra essa estrutura de organização.



Formulário de Análise de Gramática
BELLO, Andrés (1847)

Domínio	
1. Línguas neolatinas	
Classificação	
Gramática chilena	
Período	
Séc. XIX	
Autoria	
SOBRENOME, Nome	BELLO, Andrés
Data de nascimento	1781/11/29
Data de falecimento	1865/10/15
Nacionalidade	Venezuela
Naturalidade	Caracas
Naturalização	Chile
Escolaridade	Ensino superior Ensino Superior: Real y Pontificia Universidad de Caracas - Bachillerato en Artes (1800)
Profissão	Humanista, filósofo, poeta, advogado, tradutor, filólogo, ensaísta, educador, político e diplomata.

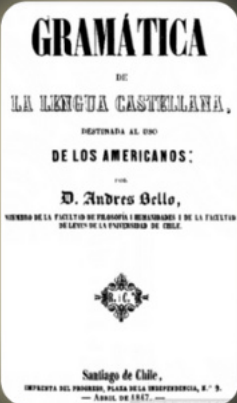
Figura 8. Do formulário de coleta e compartilhamento de informações. Fonte: <https://lnq.com/chTIP>.

ALT: Imagem de um formulário de análise gramatical do Web-Museu da Gramática, no qual se apresentam informações sobre domínio linguístico, classificação da gramática e dados biográficos.

Na página do MuGra, os dados de cada gramática são apresentados de forma organizada, acessível e visualmente estruturada, permitindo o acesso a informações gerais e análises detalhadas. Ao selecionar um item, o visitante encontra imagens da capa da obra e, quando disponível, do autor, acompanhadas de dados essenciais como autoria, data e local de publicação, tipologia, número de edições e editora. Em seguida, são exibidos trechos do texto gramatical organizados por categorias analíticas, como concepções de língua, norma e gramática, além de passagens que exemplificam a tipologia da obra e os objetivos do autor. A página inclui ainda a seção “Estado da Arte”, com referências bibliográficas, links para a obra original, para o formulário completo de análise e para outras informações sobre o autor, além de uma ferramenta aberta à colaboração do público para envio de correções ou arquivos. A Figura 9 ilustra essa forma de disponibilização no acervo do web-museu.

Visite
Gramáticos e Gramáticas
Gramática de la lengua castellana

Gramática de la lengua castellana



Autor: Andrés Bello

Publicado em: 1847, Século XIX

Tipo: Gramática de Língua Materna | Gramática descritiva | Gramática Escolar

Publicado em: Chile



Título completo: Gramática de la lengua castellana destinada al uso de los americanos

Local de publicação: Santiago/Chile

Quantidade de edições: 9?

Editores: Imprenta del progreso

Gramática descritiva

- Acepto las prácticas como la lengua las presenta; sin imaginarias elipsis, sin otras explicaciones que las que se reducen a ilustrar el uso por el uso." (sic, p.viii – prólogo).
- "La gramática de una lengua es el arte de hablarla correctamente, esto es, conforme al buen uso, que es el uso de la jente [sic] educada" (p.01)
- "Se prefiere este uso porque es el más uniforme en las varias provincias i [sic] pueblos que habla una misma lengua" (p.01)
- Siendo la lengua el medio de que se valen los hombres para comunicarse unos a otros cuando saben, piensan i [sic] sienten, no puede menos de ser grande la utilidad de la Gramática, ya para hablar de manera que se comprenda bien lo que decimos (sea de viva voz o por escrito), ya para fijar con exactitud el sentido de lo que otros han dicho.
- "No miro las analogías de otros idiomas, sino como pruebas accesorias. Acepto las prácticas como la lengua las presenta; sin imaginarias elipsis, sin otras explicaciones que las que se reducen a ilustra el uso por el uso." (sic, p.viii – prólogo).
- "[...] a la gramática incumbe exponer el valor de las inflexiones i combinaciones, i no solo el natural i primitivo, sino el secundario i el metafórico, siempre que hayan entrado en el uso jeneral de la lengua. (sic, p.viii – prólogo).

Gramática Escolar (LM)

- [...] para proporcionar a los profesores del primer curso el auxilio de las explicaciones destinadas al segundo, si alguna vez las necesitaren. Creo, además, que esas explicaciones no serán enteramente inútiles a los principiantes, porque a medida que adelanten, se les irán desvaneciendo gradualmente las dificultades. Por este medio queda también al arbitrio de los profesores el añadir a las lecciones de la enseñanza primaria todo aquello que de las del curso posterior les pareciere a propósito, según la capacidad i aprovechamiento de los alumnos. (sic, p.x – prólogo).

OBJETIVOS DO AUTOR

Figura 9. Do compartilhamento de informações na página do MuGra. Fonte: mugra.com.br/gramatica-acf/gramatica-de-la-lengua-castellana/.

ALT: Imagem da tela do site do MuGra na qual se apresenta a obra *Gramática de la lengua castellana*, de Andrés Bello. À esquerda aparece a capa do livro e, à direita, um retrato do autor, acompanhados de informações bibliográficas e trechos que descrevem o caráter descritivo e escolar da gramática.

A página inicial do MuGra organiza seus conteúdos em dez menus, facilitando a navegação e o acesso ao acervo (Figura 10). Em 'Mundo da Gramática', apresentam-se o web-museu e uma discussão que contextualiza a gramática como objeto histórico, social e cultural. 'Gramáticos e Gramáticas' reúne o núcleo do acervo, com acesso às obras pelo nome do autor, enquanto o menu 'Visite' organiza esse conjunto por período e local de publicação, favorecendo leituras comparativas

por meio de ferramentas mais lúdicas. Em ‘Pensando a Gramática’, disponibilizam-se conferências e aulas sobre norma, variação e ensino. A ‘Sala de Aula’ oferece atividades, materiais didáticos e vídeos de apoio para professores e estudantes. O ‘Dicionário’ apresenta definições acessíveis de termos da gramaticografia, ampliando o alcance do acervo. Informações adicionais sobre a concepção do MuGra e seu projeto gráfico podem ser encontradas em Araujo *et al.* (2024, 2025). A Figura 10 ilustra a página inicial do MuGra.

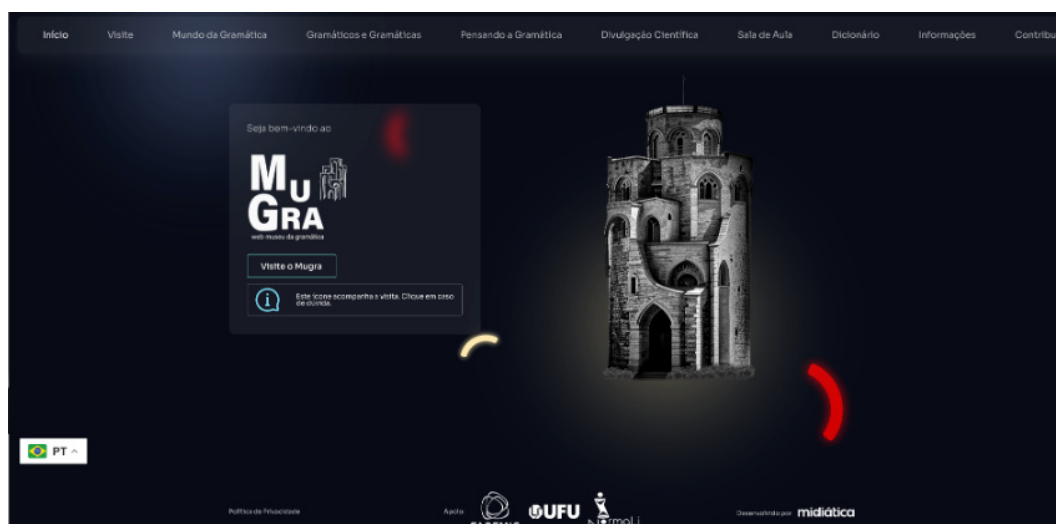


Figura 10. Da página inicial do MuGra. Fonte: mugra.com.br.

ALT: Página inicial do site do Web-Museu da Gramática, com fundo escuro e menu de navegação no topo. À esquerda aparece o logotipo do museu e um botão “Visite o MuGra”, enquanto à direita há a imagem de uma torre medieval estilizada, usada como elemento visual central da página.

Em constante crescimento, o acervo do MuGra reúne atualmente quase 200 gramáticas. A produção brasileira corresponde a cerca de 36% das obras, seguida pela espanhola (25%) e pela portuguesa (16%); juntas, as três tradições concentram mais de 75% do conjunto. O restante distribui-se sobretudo entre outros países da América Latina (Argentina, Chile, Colômbia, Cuba, Peru e Venezuela), com cerca de 14%, e países europeus (Alemanha, Bélgica, Inglaterra e França), com aproximadamente 9%, além de registros pontuais dos Estados Unidos e das Filipinas. Esses dados evidenciam a centralidade ibero-americana do acervo, em parte vinculada aos interesses de pesquisa do NormaLi, sem prejuízo de sua diversidade geográfica. Quanto à distribuição temporal, predominam gramáticas dos séculos 19 (42%) e 20 (30%), seguidas pelas do século 21 (17%); o século 18 reúne cerca de 7% e o século 16, 1%, assegurando ampla cobertura histórica.

No campo das pesquisas e desdobramentos, o Web-Museu da Gramática tem se afirmado como indutor de novas agendas na Historiografia Linguística, na gramaticografia e no ensino de línguas, ao articular acervo, método e formação. A sistematização e a divulgação pública dos dados favorecem estudos comparativos entre tradições, contextos de produção e usos pedagógicos,

potencial já concretizado na formação em diferentes níveis. Na graduação do ILEEL/UFU, com pesquisas sobre a gramaticografia do francês, do espanhol e do português como línguas estrangeiras no Mercosul; e na pós-graduação, com estudos sobre autoria feminina, produção de gramáticas de línguas estrangeiras, gramáticas pedagógicas sul-americanas, o lugar da gramática no ensino fundamental e o cânone gramatical. Esse conjunto confirma o MuGra como ambiente ativo de pesquisa, formação qualificada e renovação metodológica.

Quanto às ações futuras, o MuGra prevê iniciativas articuladas de ampliação, qualificação e difusão. Em curto prazo, destaca-se a conclusão da primeira etapa, financiada pela FAPEMIG, com revisão e adição de textos finais, e o início da segunda etapa, voltada à compilação de gramáticas para o ensino de línguas estrangeiras produzidas ou em circulação no Mercosul, dando visibilidade a um tipo de gramática ainda pouco estudado. Essas ações serão acompanhadas pela revisão e pelo aperfeiçoamento dos parâmetros metodológicos, pela ampliação da divulgação em ambientes extra-acadêmicos e pelo desenvolvimento de novas atividades escolares, reforçando a articulação entre pesquisa, ensino e sociedade.

1.5. MUSEU DA LÍNGUA PORTUGUESA

Instituição da Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas do Estado de São Paulo, desde 2012 o Museu da Língua Portuguesa (MLP) é administrado pela Organização Social IDBrasil Cultura, Educação e Esporte. Foi inaugurado em 20 de março de 2006 no prédio da Estação da Luz, no centro de São Paulo, sendo o primeiro museu do mundo dedicado exclusivamente a uma língua. Seu espaço expositivo se divide em três pavimentos: dois dedicados à exposição de longa duração e um destinado a mostras temporárias.

Desde sua concepção, a instituição aborda a língua portuguesa como patrimônio cultural e elemento que articula diversas dimensões da vida, mobilizando debates sob perspectivas antropológicas, históricas e sociais. Localizado no Brasil, tem como objeto principal o português brasileiro, mas contempla a diversidade das variedades faladas em outras partes do mundo. Além disso, volta-se às diversas línguas faladas no país. No plano de trabalho do quinquênio 2020-2025, o Museu norteou-se pela formação linguística e cultural do Brasil, promovendo exposições temporárias sobre línguas de imigrantes, línguas africanas e línguas indígenas do território nacional.

Em sua proposta curatorial, organiza sua exposição principal em quatro eixos temáticos:

1. Antiguidade da língua: Origens que remontam ao proto-indoeuropeu e à família das línguas latinas, partindo do surgimento do latim na península Itálica.
2. Presença global: Falada por 261 milhões de pessoas no mundo, a língua reflete a expansão iniciada pelas grandes navegações.

3. Formação sincrética: No Brasil, a língua resultou do contato entre diversos povos, sendo marcada por convergências, conflitos e desigualdades sociais.
4. Reinvenção permanente: Como fenômeno vivo e dinâmico, o português é constantemente recriado pelos falantes na oralidade, na escrita e nas artes.

O Museu da Língua Portuguesa conta com um acervo predominantemente digital, utilizando tecnologias contemporâneas para criar experiências que dialogam com a natureza dinâmica do seu objeto. Conforme o Plano Museológico, a articulação entre textos, recursos audiovisuais e instalações interativas convida o visitante à participação ativa, tornando o MLP um “museu de experiências”. Por consequência, seu acervo reúne itens de naturezas diversas: iconográfica, textual e audiovisual.

O grande desafio da instituição é musealizar um fenômeno inerentemente mutável e imaterial. Diferente da expectativa tradicional de que um museu reúne coleções de objetos pré-existentes, o patrimônio imaterial não pode ser extraído de seu contexto original. A língua é um fenômeno distribuído através dos agentes e materiais que o constituem: falantes, textos, mídias, artefatos culturais, tecnologias de comunicação e, claro, os próprios acervos museológicos.¹⁷ Cada um desses elementos age de modo relativamente autônomo, seguindo lógicas locais e criando conexões que não dependem de uma instância central. A língua é, assim, um sistema distribuído no espaço, cuja unidade emerge justamente da circulação e do compartilhamento desses elementos entre atores heterogêneos (Marion, 1999; Mufwene, 2001, 2008; Lee *et al.*, 2009; Thietart; Forgues, 2011; Viotti, 2013; entre outros).

Além disso, a língua se distribui no tempo. Seus processos de mudança são lentos, quase imperceptíveis em escalas temporais curtas, funcionando como um pano de fundo constante que parece estático quando comparado a dinâmicas mais rápidas – como inovações lexicais ou a variação situacional na fala cotidiana. Essa lentidão, no entanto, não significa imobilidade, mas sim uma estabilização provisória de redes que continuam a se transformar, recompor e expandir.

Assume-se, portanto, que o acervo do MLP não é composto pelo objeto de musealização em si, mas por referências a esse objeto/fenômeno – áudios, mapas, fotografias, vídeos, livros, etc. Com base na Teoria Ator-Rede (TAR), proposta pelo antropólogo Bruno Latour, a realidade não é composta por entidades fixas e pré-definidas, mas por redes heterogêneas e dinâmicas, nas quais humanos e não-humanos atuam como atores (ou actantes) que se associam, transformam-se mutuamente e produzem efeitos (Latour, 1996). Sob essa perspectiva, um acervo de dados

¹⁷ Diferente das concepções do senso comum e do prescritivismo, a língua não se reduz a centros controladores, como gramáticas normativas, dicionários ou instituições. Adota-se aqui o conceito de língua como um sistema complexo e autoadaptativo (Lee *et al.*, 2009; Marion, 1999; Mufwene, 2001, 2008).

linguísticos em um museu dedicado a uma língua – como o português – não é um repositório de registros estáticos, mas um acervo de referências, ou seja, um conjunto de nós ativos em uma rede contínua de traduções, associações e mobilizações.

Nessa rede linguística, uma referência pode ser entendida como um ‘nó’ que concentra relações e mobiliza outros elementos. No universo do português, exemplos de referências podem incluir:

- Um registro histórico de um falar regional, que conecta práticas linguísticas locais a identidades coletivas.
- Uma obra literária canônica, que atrai reinterpretações, estudos críticos, adaptações e debates.
- Um artefato midiático (como um programa de TV ou um meme digital) que apresenta variantes linguísticas e as associa a contextos sociais específicos.
- Um documento normativo (como um acordo ortográfico), que atua não como regra imposta, mas como ator que provoca alianças, resistências e reconfigurações na rede.

Identificar uma referência, portanto, não se resume a catalogar um item, mas inclui refletir sobre o quanto esse elemento repercute no sistema e quantos efeitos produz na rede de que faz parte. Referências são nós que ampliam o número de conexões, atraem novos atores e desencadeiam processos de tradução, ou seja, de transformação mútua entre os atores envolvidos.

O Museu da Língua Portuguesa, então, longe de ser um depósito passivo, propõe-se como um local de ativação de redes. Seu acervo não guarda “a língua”, mas sim pontos de ancoragem a partir dos quais a língua é continuamente reeditada, disputada e vivida. Cada documento, cada gravação, cada objeto exposto é um ator que convida outros a se associarem: visitantes, pesquisadores, processos documentais, políticas culturais, comunidades de fala.

Assim, sob a ótica da TAR, a língua portuguesa – como qualquer língua – existe como uma rede de referências em movimento. O museu que a abriga não a preserva, mas a coloca em circulação, tornando-se ele próprio um nó em uma rede que nunca cessa de se refazer.

1.6. MUSEU DE ITINERÁRIOS LINGUÍSTICOS DO INSTITUTO SERENDIPE (MILIS)

1.6.1. MUSEALIZAR PARA TRANSCENDER O ARQUIVO: A FORMAÇÃO DO MILIS

Desde sua fundação, em 2011, o Instituto Serendipe, associação sem fins lucrativos, com sede em Curitiba, mantém um acervo bibliodocumental físico, que hoje consiste de cerca de 26 mil livros e

documentos vinculados às trajetórias intelectuais e (meta)linguísticas¹⁸ de professores, escritores, bibliófilos e linguistas. Coordenado por um coletivo de pesquisadores e professores voltados ao estudo de linguagens (em sentido lato: não só linguística e literatura, mas também jornalismo, direito, psicanálise, música e artes visuais) e à museologia (museólogos e conservadores), o Serendipe se destina a promover e divulgar práticas culturais e de pesquisa vinculadas a esses universos temáticos.

Apesar de buscar atender desde o pesquisador especializado¹⁹ até o público em geral²⁰, um dos mais permanentes eixos do trabalho do Instituto é a educação (meta)linguística, com particular foco na iniciação às ciências. Em torno desse propósito, desenvolve exposições, cursos e palestras, entre outras atividades, não apenas em sua sede física, mas também em escolas, universidades e centros comunitários.

Recentemente, o aumento da procura por esse modelo de interação, o desejo de consolidar a profissionalização dos procedimentos de salvaguarda e acessibilização do acervo, assim como a necessidade de ampliar a rede de cooperação e expandir as atividades para o ambiente virtual, apontaram para a necessidade de delimitar e especializar as atividades desenvolvidas a partir da mobilização das coleções bibliográficas e documentais do Instituto.

Sob essa perspectiva, em 2025²¹, atribuiu-se autonomia administrativa a uma de suas frentes de atuação por meio da criação do Museu de Itinerários Linguísticos²². Essa iniciativa não se resume à oficialização da existência de um repositório de itens (meta/epi)linguísticos por meio das devidas instâncias burocráticas. Busca, antes, dar relevo à parte imaterial desse e de outros acervos semelhantes, tão significativa quanto pouco explorada. Em termos práticos, o MILIS mantém as bases da atuação anterior do Instituto a que se vincula: o acervo físico, transferido para a tutela do museu, continua aberto ao público por meio de visitas guiadas, exposições (*in loco* ou itinerantes) e

18 A fim de abarcar o maior número de possibilidades interativas e interdisciplinares, o *Plano museológico* do MILIS admite como *metalinguística* toda atividade que parta da reflexão, mais ou menos acadêmica, sobre a língua ou a linguagem. Em termos práticos, são, eventualmente, compreendidas sob a designação também as práticas epilinguísticas, desde que devidamente documentadas ou documentáveis.

19 Nesse âmbito, costuma, inclusive, atender demandas de nicho, uma vez que possui em seu acervo obras raras, como os quatro volumes do *Totius Latinitatis Lexicon Consilio Et Cura Jacobi Facciolati, Opera Et Studio Aegidii Forcellini* (Lipsiae, 1839), o *Linguae Guarani Grammatica Hispanice* do Reverendo Padre jesuíta Paulo Restivo (Stuttgartiae, 1892), e a *Compilação de várias obras do insigne portuguez Joan de Barros* (Lisboa, 1775), além de volumes físicos de algumas coleções fundamentais para os estudos linguísticos brasileiros, como o *Boletim de Filologia Portuguesa* (vol. 01 a 31, Lisboa, 1932 – 1990), a *Revista de Língua Portuguesa* (vol. 01 a 68, Rio de Janeiro, 1919-1935) e a *Revista Semiótica* (vol. 01 a 97, Haia, 1969-1993).

20 Essa modalidade tem-se realizado por meio de aulas-exposição, realizadas com a colaboração de professores parceiros das Escolas Estaduais da região sul da grande Curitiba.

21 No segundo semestre desse ano, realizaram-se os registros junto às instituições cabíveis: Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), Coordenação do Sistema Estadual de Museus do Paraná (COSEM- PR) e International Council of Museums ICOM (em trâmite).

22 Definiu-se, por meio dessa ação, que o Museu passaria a ser um braço autônomo do Instituto, com conselho e projeto próprios.

demais atividades em cooperação com instituições parceiras, podendo também ser consultado mediante agendamento prévio²³.

Contudo, no que tange aos aspectos epistemológicos, a musealização desse acervo bibliodocumental implicou mudanças significativas. Ao integrar um museu de itinerários linguísticos, esse material passa a ser compreendido como pivô da ampla e sempre dinâmica malha de conhecimentos que em torno dele se organiza. É essa malha o efetivo objeto da musealização, neste caso.

Ao voltar-se para o itinerário – ou seja, o caminho – percorrido não só pelos autores e colecionadores de seus livros e registros, mas por sua ampla gama de leitores e usuários, o MILIS assume a relação e a experiência como partes integrantes de seu objeto, e não apenas de seus objetivos.

Esse projeto se desenha, portanto, sobre os princípios que regem os modelos museológicos da contemporaneidade (a concepção da memória como fator ativo do conhecimento presente, a horizontalização dos processos) e se propõe a viabilizar a observação das relações entre arquivos (manifestos aqui sob a forma de acervo linguístico bibliodocumental) e aqueles indivíduos e instituições que o compõem, mantêm, referenciam e consultam.

Para além do simples repositório, ou mesmo da noção usual de *biblioteca*, o museu contemporâneo assume um compromisso com o amplo rol de direitos socioculturais (dos linguísticos e culturais aos identitários e educacionais), tendo por prerrogativas a imaginação criativa, o realismo construtivo e a defesa de princípios humanitários²⁴, pautados na igualdade e na solidariedade.

Então, a fim de deixar claro o compromisso com esses propósitos, decidiu-se pela designação *Museu de Itinerários Linguísticos* para esse segmento do Instituto Serendipe.

1.6.2. UM ACERVO ENTRE O MATERIAL E O IMATERIAL

Por concepção, o acervo do MILIS é composto na interface entre o patrimônio material e o imaterial²⁵. O domínio físico, bibliográfico e documental, em torno do qual se organiza, está distribuído em 6 coleções: além do acervo geral, composto por doações anônimas e/ou pontuais, há as coleções *Júlio Calvo Marcondes*, uma brasileira originalmente compilada com propósitos bibliofílicos; *Carmen Carneiro*, constituída essencialmente por notas manuscritas e correspondência desta poeta; *Gildo e Ricardo Klein*, uma biblioteca voltada à Filosofia do Direito e história das ciências jurídicas, e *Olmar Guterres da Silveira*, da qual constam a biblioteca pessoal desse linguista, seus

²³ E-mail: institutoserendipe@serendipe.com.br.

²⁴ Bases sobre as quais se institui a Nova museologia, já na *Declaração de Québec* (1984).

²⁵ Conforme definição disponível na *Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial* da Unesco (2003).

manuscritos e egodocumentos (fotografias, cartas, anotações e afins)²⁶. Embora todas obedeam ao critério temático geral que define o museu – abordar o fenômeno linguístico e suas questões derivadas ou adjacentes –, apenas esta última é especializada em estudos da linguagem propriamente ditos.

Diante disso, no presente artigo, optamos por abordar especificamente as ações concentradas sobre o acervo Olmar Guterres da Silveira (1922-1999)²⁷. Linguista, filólogo e gramaticógrafo, Guterres foi Professor na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), na Universidade Federal Fluminense (UFF) e na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), além de integrante da Academia Brasileira de Filologia e docente do Colégio Pedro II. Participou ativamente do circuito intelectual de nomes como Evanildo Bechara e Sílvio Elia. Em 1954, realizou uma edição anotada da *Grammatica da Lingogem Portuguesa*, de Fernão de Oliveira (1536) (Silveira, 1954), consolidando sua posição na história do pensamento metalinguístico e gramatical brasileiro.

Ante tal trajetória, concebem-se, ato contínuo, seus manuscritos, anotações e mesmo sua biblioteca pessoal como fontes para a Historiografia Linguística e os demais estudos da área. A princípio, portanto, bastava que tais materiais estivessem minimamente organizados e acessíveis para que atendessem demandas nesse sentido. Porém, uma vez compreendido como simples arquivo, esse conjunto pouco estaria contribuindo para flagrar, de fato e com destaque, as relevantes dinâmicas epistêmicas que constituem os caminhos (meta/epi)linguísticos que representam e projetam.

De acordo com as políticas de gestão adotadas pelo MILIS²⁸, o espólio bibliodocumental de Olmar Guterres da Silveira é, por natureza, um acervo consolidado. Define-se por ter sido integralmente constituído por esse linguista e reflete as dinâmicas dos momentos finais de seus estudos, não comportando, portanto, novas aquisições. Pela mesma razão, não passou por processos curatoriais que o redefiniram ou ressemantizassem. O eventual redesignio dos itens não conformes com novos perfis temáticos desejáveis para a coleção, medida usual na gestão de

26 O conteúdo do acervo do Professor Olmar Guterres da Silveira é o que constava de seu escritório pessoal, localizado no bairro da Tijuca, Rio de Janeiro. Foi gentilmente doado por sua filha Vera Lúcia Amaral da Silveira, sem intervenções, tal qual se encontrava quando em uso por esse linguista.

27 Numa primeira fase de desenvolvimento do MILIS, inclusive, foi a coleção Olmar Guterres da Silveira que recebeu endereçamento museológico autônomo. Para maiores detalhes sobre essa fase da concepção do museu, veja-se Chapanski, Kumagai e Kalil (2025).

28 Ainda em fase de implantação, o MILIS não contou com exposições próprias, uma vez que todo o portfólio de ações anterior integra-se ao panorama de ações do Instituto Serendipe anteriores à formalização do museu. O projeto de implantação prevê para o ano de 2026 a intensificação e sistematização das exposições temáticas itinerantes. Sob o mesmo princípio de democratização do acesso ao conhecimento vinculado ao acervo, pretende-se instituir uma frente de ação digital, que contará com exposições virtuais. Dentre os temas previstos para o ano corrente estão as marginais gramaticais de Olmar Guterres da Silveira, voltada ao público acadêmico e a exploração da figura do escritor de gramáticas, destinada sobretudo ao público do Ensino Fundamental e Médio.

conjuntos bibliográficos em situação semelhante, não foi aqui considerado. Pelo contrário, procurou-se manter a integridade do acervo, conforme concebida por seu curador original. Do mesmo modo, concentraram-se esforços para preservar as relações entre itens do modo como foram idealizadas por ele.

Para o MILIS, a biblioteca de Olmar é um construto intelectual em si, fruto do trabalho e espelho do percurso intelectual de seu autor/curador. Dessa forma, cada volume ou manuscrito passa a ser interpretado não apenas de forma isolada, mas como elemento integrante da trajetória desse pensador e – mais importante – do panorama intelectual da Linguística brasileira em seu momento e lugar de atuação. Ao se voltar o olhar para as relações entre itens, nomes, reflexões e produtos científicos propriamente ditos (publicações, por exemplo) é possível vislumbrar o método pelo qual, nos bastidores, foram construídas as contribuições de Olmar Guterres à ciência e à educação linguísticas de seu período.

Mais que sua contribuição como geralmente concebida, importam os caminhos que o pensamento desse linguista percorreu e com os quais cruzou. Nesse sentido, a própria curadoria de livros e materiais, notas e cadernos preservados ao longo de uma vida são compreendidos, a um só tempo, como documento e produto de uma práxis científica, cujas estrutura e sintaxe internas importam.

A dinâmica de suas reflexões, perceptível em notas e marginálias, e a sociologia de seu fazer científico e profissional, observável por meio de testemunhos de interação com colegas e alunos (em citações e dedicatórias, cartas e fotografias), transcendem os limites do documento e são mais que simples produto de pesquisa. Há um modelo muito particular de conhecimento imbricado ao aspecto imaterial desses testemunhos. Manifesto na gama de relações que se fazem aqui objeto a ser musealizado, tal conhecimento é verificado das arqueologias de leitura, aos registros de interlocução: no profuso trânsito das ideias se vislumbra o caminho de sua concepção.

Diante disso, o MILIS procura estabelecer meios de salvaguardar e promover a experiência, científica ou frutiva, dos itinerários epistemológicos, imateriais por definição, vinculados à materialidade de seu acervo, abarcando suas inúmeras faces, da formação à fruição das coleções e seus dados.

Nesse sentido, algumas medidas guiam a exposição e apresentação dos itens do acervo. Livros, revistas e cadernos, por exemplo, são mantidos fundamentalmente na ordem em que se encontravam, originalmente, na biblioteca pessoal de Olmar, em seu apartamento na Tijuca. O museu optou por dispensar o emprego de métodos de organização protocolares (como a catalogação via Dewey), exógenos ao sistema concebido pelo Professor. Em lugar deles, foi preservada a última versão da separação temática, por correlação de matérias de acordo com o momento ou projeto de estudo a que serviam. Tais núcleos, estruturados por Olmar, caracterizavam sua prática de pesquisa e materializavam, ao longo de suas prateleiras, as pontes, encruzilhadas e vicinais percorridas por esse linguista.

A localização de itens do acervo se dá a partir de sua disposição em nichos, distribuídos por meio de coordenadas cartesianas – seguindo um sistema que replica o modelo de referência adotado por Olmar, conforme testemunham suas cadernetas de controle. Foi justamente a análise desses pequenos cadernos que norteou, já no primeiro momento de recepção e transporte de sua biblioteca, o processo pelo qual se manteria e apresentaria esse acervo. Olmar optava por numerar a prateleira e, em seguida, descrever os livros que lá se encontravam, sempre dispondo-os por uma correlação temática mais particular e, por óbvio, menos institucionalizada.

Observe-se que esse tipo de testemunho material dos processos intelectuais desenvolvidos a partir de um acervo físico costuma ser apagado pelos procedimentos-padrão de institucionalização de bibliotecas e afins. No entanto, pode constituir uma fonte de pesquisa de processos tão significativa quanto a catalogação das marginais e notas avulsas, esta também uma das frentes em que o MILIS pretende especializar seus trabalhos, a partir de levantamentos prévios realizados no âmbito do Instituto desde 2023²⁹.

Nas visitas guiadas e exposições, o intuito do museu é dar visibilidade a esse universo imaterial de conhecimentos circundantes a esta e outras coleções de semelhante teor. Ao se propor a realizar uma museologia ativa e pautada nas vivências comunitárias, o MILIS procura abranger em seus itinerários linguísticos também os caminhos daqueles que, em contato com seu acervo, o projetem sobre suas próprias jornadas particulares no âmbito da linguagem (da expressão cotidiana à artística, em contexto escolar/acadêmico, ou não).

Com isso, se pretende não apenas levar públicos diversos a perceber a complexa teia de relações que compõe as reflexões linguísticas de um autor, professor, linguista, mas, sobretudo, permitir que o usuário, pesquisador ou visitante, se entenda como parte dessa teia, à medida em que reconhece – e vê reconhecidas – as próprias experiências (meta)linguísticas a partir do contato com o acervo.

Também esses caminhos são objeto do MILIS. Diante disso, o que se pretende é transformar o registro de interações (desde pesquisas a experiências educacionais realizadas no acervo, passando por percepções do visitante) em material musealizado, acessível e, eventualmente, exposto sob curadorias específicas.

Interessa, nesse sentido, permitir a observação da ecologia das relações entre produtos de pesquisa propriamente ditos, professores, alunos de todos os níveis acadêmicos e a comunidade em geral.

Sem dúvida, flagrar essas inter-relações com precisão é desafiador. Contudo, chamar a atenção para a existência de aspectos personalíssimos e parainstitucionais da malha epistemológica sobre a

29 Desde 2023, está em curso um trabalho de preparo editorial desses materiais e dos manuscritos de Olmar Guterres da Silveira. Estima-se que, no segundo semestre de 2027 seja possível publicar um primeiro volume como resultado desse trabalho.

qual se organizam os diversos fenômenos da linguagem é, em grande medida, coadunar-se à natureza imaterial, dinâmica e plural desses próprios fenômenos.

Ancorado no modelo das constelações de pensamento consagrado por Walter Benjamin (cf. 1999, 2009), o projeto do MILIS procura permitir a elaboração de panoramas historiográficos dos estudos da linguagem a partir da salvaguarda de manifestações diversas da língua. Ao musealizá-las sob a perspectiva ativa, relacional e voltada aos interesses comunitários, admite o potencial de seus registros como fontes para a observação das interrelações entre o pensamento metalinguístico instituído academicamente e as práxis (meta/epi)linguísticas vivenciadas no cotidiano por todos aqueles que se confrontam com a experiência da língua, pensando possibilidades e sentidos em escolhas vocabulares e recursos de expressão. Assim, procura-se assumir o papel dos museus como “guardiões da memória e promotores da experimentação” (cf. Canclini, 2021, p. 25), capazes de acolher diversos modelos de saber e assim contribuir para a reconfiguração das relações humanas em torno do conhecimento³⁰.

Por meio de seu rol de atividades, o MILIS não procura musealizar objetos, sequer registros de memória ativa e atualizável de língua. O acervo efetivo constitui-se, pois, dos caminhos intelectuais dinâmicos realizados por estudantes, leitores, pesquisadores na relação com itens materiais do acervo, ou com os processos imateriais descobertos, compartilhados e desenvolvidos a partir deles.

1.6.3. HISTORIOGRAFIA, HISTORIOGRAFIAS E O PAPEL DESTE ACERVO

Ao admitir seu objeto na interface entre o arcabouço material e o imaterial, o projeto do MILIS assume um conceito dinâmico de acervo. Nesse campo expandido de atuação, estão os caminhos epistemológicos possíveis em torno da produção metalinguística acadêmica e das experiências promovidas a partir dela.

Por definição, esse é um quadro que pressupõe a consciência da trama de relações que configura não apenas a sociologia do conhecimento científico (cf., a exemplo, Murray, 1998), mas de todo o conhecimento acerca da linguagem.

A Historiografia Linguística contemporânea tem buscado refinar sua capacidade de análise abrangendo contextos mais complexos, para além dos limites tabulados pelo cânone tradicional. Voltando-se, por exemplo, ao estudo do pensamento (meta)linguístico do Sul Global e da contribuição feminina no âmbito dos estudos linguísticos, tem trabalhado, meta-historiograficamente, na ampliação de seu instrumental metodológico (cf. Altman; Lourenço, 2023),

30 Em consonância com as perspectivas contemporâneas que vinculam as instituições, a cultura e a educação às três esferas basilares dos direitos fundamentais: liberdade, igualdade e fraternidade. Vale notar ainda que direitos linguísticos, direito à educação e informação têm ampla relação com o tema e seu propósito.

na redelimitação de seu objeto e no modelo teórico a ser, então, adotado (Ayres-Bennett; Sanson, 2020). Fazem parte desse movimento, desde a revisão dos conceitos de fonte historiográfica até a adesão às novas epistemologias (cf. Coelho; Finbow, 2020) e a intensificação das relações interdisciplinares (cf. Zamorano Aguilar, 2012).

Um arquivo (meta/epi)linguístico que se institua sobre o aspecto dinâmico da relação (e não sobre o conceito estático de item ou dado) será capaz de contemplar as necessidades de reflexão crítica, aprofundamento analítico e expansão permanente dos horizontes de pesquisa que caracterizam esse modelo de fazer historiográfico. É considerando isso que o MILIS procura salvaguardar e disponibilizar caminhos linguísticos.

Sob essa perspectiva, um portfólio de ações (visitas, interações educativas, exposições) passa a ser mais que mero registro da trajetória e dos impactos sociais estatísticos de um museu. Integra, antes, seu acervo de fatos e feitos linguísticos. Para que se possa operar em termos práticos com esse objeto, recorre-se a fotografias e registros de presença e atividades-produto, realizadas a partir de vivências do acervo do museu. Esses elementos passam, então, a ser incorporados ao próprio acervo, de acordo com planos museais e expositivos direcionados a isso.

Logo, uma das características centrais de um museu de itinerários está justamente no tratamento daquilo que, geralmente, se entenderia como registro dos processos de recepção. Em uma abordagem que prima por observar os caminhos do conhecimento, não se trata de dado *a posteriori*, mas de parte do complexo epistêmico mobilizado em uma experiência (meta)linguística, desdobrável em múltiplas camadas sociológicas, pedagógicas, científicas e filosóficas. Essa concepção possibilita, por exemplo, reforçar e delimitar mais especificamente as bases da prática da pesquisa-ação em HL.

A proposta deste acervo, em essência, se alia aos princípios críticos e interdisciplinares da HL, assim como aos horizontes em expansão dessa ciência. Contudo, ainda que amparada sobre as bases da museologia contemporânea, trata-se de uma iniciativa que se caracteriza, em última instância, por musealizar itinerários intelectuais na esfera da linguagem, algo desafiador por princípio, mas afinado à postura de investigação permanente, plural e democrática que cabe às ciências atuais.

O MILIS, hoje, é um processo. Se bem sucedido, continuará, portanto, definindo-se como tal.

2. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste artigo, buscamos discutir o papel dos museus e acervos (epi/meta)linguísticos como espaços fundamentais para a HL, entendida como uma prática interpretativa sensível às condições históricas, sociais e epistemológicas de produção dos saberes sobre a língua. Com esse objetivo, articulamos uma reflexão sobre a relação entre memória, experiência e conhecimento linguístico a

apresentação e análise de iniciativas consolidadas no contexto brasileiro, evidenciando diferentes modos de musealizar, documentar e ativar o patrimônio linguístico. Ao percorrer acervos de natureza diversa – de centros de documentação e catálogos especializados a museus digitais e espaços expositivos voltados à experiência do público –, procuramos mostrar como esses projetos, cada um a seu modo, contribuem para ampliar o escopo da HL, tensionando seus limites tradicionais e reafirmando a centralidade dos acervos como mediadores entre pesquisa, ensino e sociedade.

As iniciativas analisadas convergem ao reconhecer os acervos e museus como dispositivos centrais para a preservação, a problematização e a circulação social da memória linguística, ampliando, muitas vezes, o escopo da HL para além do texto canônico e do espaço estritamente acadêmico. Todas partem da compreensão de que documentos linguísticos e metalinguísticos são historicamente situados e que sua organização, descrição e mediação produzem efeitos interpretativos relevantes. Distinguem-se, contudo, por seus focos e estratégias: enquanto o Centro de Documentação em Historiografia Linguística da USP, o Catálogo de Gramáticas do HGEL e o Dossiê de Gramáticas e Dicionários da FBN/FCRB privilegiam a salvaguarda, a sistematização e o acesso a fontes fundamentais para a pesquisa historiográfica, o MuGra articula acervo, método e mediação didática, explorando comparações entre tradições gramaticais e usos pedagógicos. Já o Museu da Língua Portuguesa e o MILIS deslocam o eixo da documentação para a experiência, enfatizando a língua como fenômeno vivo, relacional e imaterial, e incorporando a recepção, a circulação e os itinerários intelectuais como parte do próprio objeto musealizado. Em conjunto, essas propostas evidenciam a pluralização contemporânea da HL, que passa a integrar arquivos, acervos digitais e museus como espaços complementares de produção de conhecimento histórico sobre a linguagem.

Desse modo, as iniciativas têm impacto significativo na ciência e na pesquisa ao garantir a preservação, a sistematização e o acesso aberto a fontes linguísticas e metalinguísticas fundamentais, criando condições para novas agendas investigativas na HL, na gramaticografia e nos estudos da linguagem em geral. Ao organizar corpora documentais, metadados analíticos e percursos interpretativos, esses acervos permitem revisitar o cânone, incorporar autores, obras e tradições marginalizadas e fomentar estudos comparativos, como se observa no CEDOCH/USP, no Catálogo de Gramáticas do HGEL e no MuGra.

Em especial, revelam ainda uma contribuição decolonial decisiva para a HL, ao serem concebidas e operarem a partir da perspectiva do Sul Global, priorizando acervos produzidos no Brasil e na América Latina e tensionando hierarquias tradicionais de saber que historicamente privilegiaram centros europeus e norte-americanos. Ao tornar visíveis materiais frequentemente ausentes dos grandes repositórios internacionais, ampliam o repertório empírico da HL e contribuem para a revisão crítica do cânone, abrindo espaço para outras temporalidades, geografias, agentes e epistemologias.

No campo da formação, esses acervos e museus operam como dispositivos pedagógicos que qualificam não apenas a formação inicial e continuada de professores, mas também a formação de

mestres e doutores em Linguística e áreas afins, ao oferecerem materiais historicamente contextualizados, metodologias explícitas de análise e conjuntos de dados sistematizados que sustentam pesquisas de pós-graduação. O MuGra, por exemplo, tem servido de base empírica e metodológica para dissertações e teses sobre gramaticografia, tradições normativas e ensino de línguas, enquanto o acervo do CEDOCH/USP e o Catálogo de Gramáticas do HGEL viabilizam estudos historiográficos de fôlego, com impacto direto na produção científica qualificada. Ao mesmo tempo, essas iniciativas investem fortemente na divulgação científica para públicos não especializados, por meio de exposições, recursos digitais, linguagem acessível e mediações culturais, como se observa na “Sala de Aula” do MuGra, nas exposições interativas do Museu da Língua Portuguesa e nas ações educativas e itinerantes do MILIS. Para a sociedade, esses espaços ampliam a circulação social do conhecimento linguístico, combatem visões simplificadoras ou estritamente prescritivas da língua e promovem o reconhecimento da diversidade linguística como patrimônio cultural e histórico. Ao articular preservação, pesquisa avançada, formação acadêmica e mediação com o público amplo, esses acervos reafirmam o papel social da Linguística e da Historiografia Linguística na produção de conhecimento crítico, democrático e socialmente situado.

Como desdobramento das contribuições aqui apresentadas, esperamos que essas iniciativas se consolidem (ainda mais) e se ampliem como espaços estratégicos de produção, articulação e circulação de conhecimento linguístico, por meio da expansão e qualificação contínua dos acervos, da incorporação de novas tradições, da valorização de materiais e autores historicamente marginalizados e do fortalecimento de redes de pesquisa interinstitucionais e internacionais. Esperamos, ainda, que esses acervos e museus ampliem sua atuação como ambientes formativos para a graduação e, de modo especial, para a formação de mestres e doutores, fomentando investigações historiográficas inovadoras, comparativas e socialmente situadas. No campo da divulgação científica, projeta-se o aprofundamento de estratégias de mediação cultural e pedagógica que aproximem a Linguística e sua historiografia de públicos não especializados, contribuindo para o debate público sobre língua, diversidade e normas. Ao integrar memória, experiência e compromisso social, tais iniciativas tendem a reforçar, no médio e longo prazo, uma Historiografia Linguística mais plural, decolonial e atenta às dinâmicas do Sul Global, capaz de intervir criticamente tanto na produção acadêmica quanto na compreensão social da linguagem.

INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

CONFLITO DE INTERESSE

Os autores não têm conflitos de interesse a declarar.

DECLARAÇÃO DE DISPONIBILIDADE DE DADOS

O conjunto de dados mobilizados neste estudo está disponível na internet. Para fins de transparência e rastreabilidade, uma versão preliminar do estudo foi depositada no Zenodo (<https://doi.org/10.5281/zenodo.18807806>). Cinco dos seis acervos analisados apresentam endereços eletrônicos públicos: i) Centro de Documentação em Historiografia Linguística (USP): <https://cedoch.fflch.usp.br/banco-de-dados>; ii) Catálogo de Gramáticas da Língua Portuguesa do grupo de pesquisa HGEL (UFPB/CNPq): <https://www.hgel.com.br/gramaticas-da-lingua-portuguesa>; iii) Dossiê *Gramáticas e Dicionários do português* (FBN e FCRB): <https://bndigital.bn.gov.br/dossies/gramaticas-e-dicionarios-do-portugues/>; iv) MuGra – Web-Museu da gramática (UFU/FAPEMIG): <https://mugra.com.br/>; v) Museu da Língua Portuguesa: <https://acervo.museudalinguaportuguesa.org.br/>. No caso do Museu de Itinerários Linguísticos (MILIS), cujo acervo é exclusivamente físico, os dados estão disponíveis via solicitação pelos e-mails gisselechapanski@gmail.com ou institutoserendipe@gmail.com.

DECLARAÇÃO DE USO DE IA

Os autores declaram que nenhuma ferramenta de IA foi utilizada na criação deste manuscrito nem em qualquer aspecto dos trabalhos realizados cujo resultado está reportado no manuscrito.

FONTES DE FINANCIAMENTO

Este trabalho contou com apoio de diferentes agências de fomento. Gissele Chapanski desenvolveu pesquisa de pós-doutoramento junto ao Centro de Documentação em Historiografia Linguística (CEDOCH), do Departamento de Linguística da Universidade de São Paulo, com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Bruna Soares Polachini foi contemplada com bolsa do Programa Nacional de Apoio à Pesquisa (PNAP-2025), da Fundação Biblioteca Nacional, processo nº 01430.000597/2025-51. Cecília Farias recebeu apoio da FAPESP, no âmbito dos Programas Especiais / Projetos Especiais, processo nº 2024/17531-3. Emily G. M. Ferreira contou com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), no PROEX – Programa de Excelência Acadêmica, por meio do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING) da Universidade Federal da Paraíba, processo nº 88887.704863/2022-00. Francisco Eduardo Vieira foi contemplado com Bolsa de Produtividade em Pesquisa – PQ-C do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), processo nº 302034/2025-0. Irineu E. Jones Corrêa contou com financiamento da Fundação Carlos Chagas de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ), processo nº E-26:211.245/2021, no âmbito de apoio a projetos relacionados ao bicentenário da Independência do Brasil. Leandro

Silveira de Araujo recebeu apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG), processos nº APQ-02460-22 (Apoio a ações de divulgação da ciência, da tecnologia e da inovação) e nº APQ-03062-22 (Apoio a projetos de extensão em interface com a pesquisa).

AVALIAÇÃO E RESPOSTA DOS AUTORES

Avaliação: <https://doi.org/10.25189/2675-4916.2026.V7.N5.ID1001.R>

Resposta dos Autores: <https://doi.org/10.25189/2675-4916.2026.V7.N5.ID1001.A>

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Átila. *Dicionários parentes e aderentes: uma bibliografia de dicionários, enciclopédias, glossários, vocabulários e livros afins em que entra a língua portuguesa*. João Pessoa: Funape: Nova Estela, 1988.

ALTMAN, Cristina; LOURENÇO, Julia. Apresentação. In: ALTMAN, Cristina; LOURENÇO, Julia. *Feminino em historiografia linguística: Américas*. São Paulo: Pontes Editores, 2023. v. 1. p. 13-24.

ARAGÃO, Maria do Socorro S. de. *Fonética e fonologia: bibliografia brasileira*. Fortaleza: Ed. da Universidade Federal do Ceará, 1997.

ARAUJO, Leandro Silveira de. Por uma descrição da tipologia da gramática em línguas românicas. *Revista X*, v. 15, n. 7, p. 232-271, 2020. <http://doi.org/10.5380/rvx.v15i7.74662>.

ARAUJO, Leandro Silveira de. Un análisis epihistorigráfico de la gramatización del español y del portugués. *Estudios de lingüística del español*, [S. l.], v. 48, p. 22-42, 2024a. <http://doi.org/10.36950/elies.2024.48.3>.

ARAUJO, Leandro Silveira de. Convergências e divergências do processo de gramatização nas línguas portuguesa e espanhola. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 30, n. 1, p. 209-238, 2024b. <http://doi.org/10.17851/2237-2083.30.1.209-238>.

ARAUJO, Leandro Silveira de. Crônica da gramaticografia do espanhol e do português como línguas estrangeiras no Brasil. *Linguasagem*, v. 45, p. 78-108, 2024c. Disponível em: <https://www.linguasagem.ufscar.br/index.php/linguasagem/article/view/1675>. Acesso em: 13 jan. 2026.

ARAUJO, Leandro Silveira de. Hacia una historiografía de la gramática de español como segunda lengua en Argentina. *Revista argentina de historiografía lingüística*, v. 16, n. 1, p. 1-20, 2024d. Disponível em: <https://rahl.ar/index.php/rahl/article/view/271/309>. Acesso em: 13 jan. 2026.

ARAUJO, Leandro Silveira de; FREITAS, Fernanda Silva. Uma breve revisão da gramaticografia hispânica. *Domínios de Linguagem*, Uberlândia, v. 14, n. 2, p. 369-390, 2020. <http://doi.org/10.14393/DL42-v14n2a2020-2>.

ARAUJO, Leandro Silveira de; GONÇALVES, Lucas Santana; DRUMOND, Sabina Agnesia Candida; PINHEIRO, Graziela Bassi; FREITAS, Fernanda Silva; ARAUJO, Natalia Aparecida Bisio de; FALCÃO, Isabelle Nascimento. MuGra: um museu virtual voltado à divulgação e à fomentação do conhecimento em torno da Gramática. In: Grupo Amplia (org.). *Educação em Museus*. Uberlândia: Subsolo, 2024. p. 112-122. Disponível em: <https://amplianarede.com.br/livro-educacao-em-museus>. Acesso em: 13 jan. 2026.

ARAUJO, Leandro Silveira de; MELAZO, Mariane Rezende. Uma introdução à história da gramática em língua portuguesa. (Con)Textos Linguísticos, Vitória (ES), v. 14, p. 119-135, 2020. <http://doi.org/10.47456/cl.v14i29.32072>. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/32072>. Acesso em: 13 jan. 2026.

ARAUJO, Leandro Silveira de; PINHEIRO, Graziela Bassi; GONÇALVES, Lucas Santana; DRUMOND, Sabina Agnesia Candida. O Web-Museu da Gramática: extensão e divulgação científica em torno da gramaticografia. In: RIBAS, Fernanda. Costa; FERNANDES, Gilmar Martins de Freitas (org.). *Extensão universitária: produção e difusão de conhecimentos em Letras e Linguística*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2025. v. 1. p. 131-152. Disponível em: <https://pedroejoaeditores.com.br/produto/extensao-universitaria-producao-e-difusao-de-conhecimentos-em-letras-e-linguistica>. Acesso em: 13 jan. 2026.

ASSMANN, Aleida. Gedächtnis als Leitbegriff der Kulturwissenschaften. In: MUSNER, Lutz; WUNBERG, Gotthart (ed.). *Kulturwissenschaften: Forschung – Praxis – Positionen*. Wien: WUV Universitätsverlag, 2002. p. 27-45.

ASSMANN, Aleida. *Cultural Memory and Western Civilization: Functions, Media, Archives*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

ASSMANN, Aleida. Transformations of the Modern Time Regime. In: LORENZ, Chris; BEVERNAGE, Berber (ed.). *Breaking up Time: Negotiating the Borders Between Present, Past And Future*. Gottingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2013. p. 39-56.

AUROUX, Sylvain. *A revolução tecnológica da gramatização*. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi. 3. ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 2014.

AYRES-BENNETT, Wendy; SANSON, Helena. Women in the history of linguistics: Distant and neglected voices. In: AYRES-BENNETT, Wendy; SANSON, Helena (ed.). *Women in the History of Linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 2020. p. 1-34. <http://doi.org/10.1093/oso/9780198754954.003.0001>.

BACHMANN-MEDICK, Doris. *Cultural Turns: Neuorientierungen in den Kulturwissenschaften*. Hamburg: Rowohlt, 2006.

BARBOSA, Afranio Gonçalves. A gramatização da língua portuguesa na escola brasileira: a construção de corpora metalinguísticos para o mapeamento da lusitanização linguística nos oitocentos. *Diadorim: revista de estudos linguísticos e literários*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 1, p. 1-19, 2023. <http://doi.org/10.35520/diadorim.2023.v25n1a58367>.

BARBOSA, Afrânio Gonçalves; AZEREDO, José Carlos Santos de. O ensino de Língua Portuguesa no Brasil na primeira metade do século XX: a construção de corpus metalinguístico de gramáticas escolares. *Diadorim: revista de estudos linguísticos e literários*, Rio de Janeiro, v. 20, p. 201-226, 2018. <http://doi.org/10.35520/diadorim.2018.v20n0a23274>.

BATISTA, Lucielma de Oliveira. *O tratamento dos conhecimentos linguístico-gramaticais em concursos públicos (2010-2019)*. Orientador: Francisco Eduardo Vieira. 2024. 409 f. Tese (Doutorado em Linguística) – PROLING, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/32401>. Acesso em: 25 fev. 2026.

BENJAMIN, Walter. *The Arcades Project*. Cambridge MA: Harvard: Belknap, 1999.

BENJAMIN, Walter. *The Origin of German Tragic Drama*. London: Verso, 2009.

BEZERRA, Darlene Alves. Enriquecimento semântico de informações descritivas sobre gramáticas e dicionários (1808-1930): uma estratégia de aprimoramento no catálogo da FBN. *Diadorim: revista de estudos linguísticos e literários*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 1, p. 1-28, 2023. <http://doi.org/10.35520/diadorim.2023.v25n1a58366>.

BLOUIN JR., Francis X.; ROSENBERG, William G. *Processing the Past: Contesting Authority in History and the Archives*. Oxford: Oxford University Press, 2011.

BRANDÃO, Ana Paula; EPPS, Patience; KUNG, Susan Smythe; MOORE, Denny; O'HAGAN, Zachary; ROSÉS LABRADA, Jorge. Archiving and Language Documentation. *Cadernos de Linguística*, v. 4, n. 1, p. 1-39, 2023. <http://doi.org/10.25189/2675-4916.2023.v4.n1.id666>.

CANCLINI, Néstor García. As instituições fora de lugar. In: CANCLINI, Néstor García (coord.); MELO, Sharine Machado Cabral; BRIZUELA, Juan Ignacio; SOUSA E SILVA, Liliana (org.). *Cadernos de Pesquisa N. 1: A institucionalidade da cultura e as mudanças socioculturais*, Universidade de São Paulo, Instituto de Estudos Avançados, n. 1, p. 15-26, jul. 2021. DOI 10.11606/9786588152102. Disponível em: <https://www.livrosabertos.abcd.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/689>. Acesso em: 25 fev. 2026.

CAVALIERE, Ricardo. Uma proposta de periodização dos estudos linguísticos no Brasil. *ALFA: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 45, p. 49-69, 2001. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4185>. Acesso em: 25 fev. 2026.

CAVALIERE, Ricardo. *A Gramática no Brasil: ideias, percursos e parâmetros*. Rio de Janeiro: Lexicon, 2014.

CHAPANSKI, Gissele; KUMAGAI, Luiza; KALIL, Sérgio A. Acervos privados, futuros museus – o trânsito entre a esfera particular e a público na democratização do acesso ao saber. Comunicação oral apresentada no *Seminário Internacional de Políticas Culturais (SIPC)*, 2025, Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 2025.

COELHO, Olga. Historiografia Linguística Decolonial. In: LEITE, Marli Quadros; HACKEROTT, Maria Mercedes Saraiva; SIQUEIRA, Cinthia Cardoso de (org.). *Tópicos em historiografia da linguística: das práticas linguísticas à meta-historiografia*. 2. ed. São Paulo: Publicações BBM, 2024. p. 264-285. Disponível em: <https://www.bbm.usp.br/pt-br/publicações-bbm/tópicos-em-historiografia-da-linguística-das-práticas-linguísticas-à-meta-historiografia>. Acesso em: 26 fev. 2026.

COELHO, Olga; FINBOW, Thomas. Apontamentos para uma história linguística transatlântica e descolonizada do português do Brasil: o contato e a diversidade em foco In: VIEIRA, Francisco Eduardo; BAGNO, Marcos (org.). *História das Línguas, Histórias da Linguística: Homenagem a Carlos Alberto Faraco*. São Paulo: Parábola, 2020. p. 61-84.

CORRÊA, Irineu Eduardo Jones. Uma coleção de gramáticas. *Interfaces*, v. 12, p. 110-140, 2009. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/interfaces/article/view/30309/17170>. Acesso em: 28 jan. 2026.

CORRÊA, Irineu Eduardo Jones; JERONIMO, Maria Cristina Antonio. A gramatização no Brasil: língua e construção da nacionalidade – 1808-1930. *Diadorim: revista de estudos linguísticos e literários*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 1, p. 1-20, 2023. <http://doi.org/10.35520/diadorim.2023.v25n1a58368>.

CORRÊA, Irineu Eduardo Jones; JERONIMO, Maria Cristina Antonio; CARMO, Laura Aparecida Ferreira do. Uma coleção em movimento: gramáticas e dicionários do acervo da Biblioteca Nacional – 1808-1930. *Diadorim: revista de estudos linguísticos e literários*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 1, p. 1-30, 2023. <http://doi.org/10.35520/diadorim.2023.v25n1a58371>.

COSERIU, Eugenio. *Teoria da linguagem e lingüística geral: cinco estudos*. Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: Edusp, 1979.

CRUZ, Arielly de Assis. *A evolução da gramática em língua francesa e a autoria feminina*. Coorientadores: Natália Aparecida Bisio de Araujo; Leandro Silveira de Araujo. 2024. 51 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras: Francês e Literaturas de Língua Francesa) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/45838>. Acesso em: 13 jan. 2026.

CRUZ, Arielly de Assis; MEDINA, Sofia Perrone; ARAUJO, Natalia Ap. Bisio de; ARAUJO, Leandro Silveira de. Por uma introdução à história da gramática em língua francesa no Brasil. In: MEIRELES, Vanessa; VIEIRA, Marcia dos Santos Machado (org.). *Variações linguísticas em línguas românicas: explorações contemporâneas*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2025. v. 1. p. 398-419. DOI 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-339-4. Disponível em: <https://www.pimentacultural.com/livro/variacoes-linguisticas-linguas/>. Acesso em: 13 jan. 2026.

DASTON, Lorraine. Introduction: Third Nature. In: DASTON, Lorraine (ed.). *Science in the Archives: Pasts, Presents, Futures*. Chicago: University of Chicago Press, 2017. p. 1-14.

DECLARAÇÃO DE QUEBÉC, 1984. *Princípios de base de uma nova museologia*. Quebec, 12 out. 1984. Disponível em: <https://www.iber museos.org/wp-content/uploads/2020/05/declaracao-de-quebec-1984-por.pdf>. Acesso em: 4 jan 2026.

ELIA, Sílvia. Os estudos filológicos no Brasil. In: ELIA, Sílvia. *Ensaio de filologia e linguística*. 2. ed. Rio de Janeiro: Grifo. 1975. p. 17-176.

FARACO, Carlos Alberto; VIEIRA, Francisco Eduardo. *Gramáticas brasileiras: com a palavra, os leitores*. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

FÁVERO, Leonor Lopes; MOLINA, Márcia. A. G. *As concepções lingüísticas no século XIX: a gramática no Brasil*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

FERREIRA, Emily Gonçalves de Medeiros. *Uma historiografia do processo brasileiro de gramatização da colocação pronominal em gramáticas oitocentistas*. Orientador: Francisco Eduardo Vieira. 2021. 232 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) –

Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/22643>. Acesso em: 25 fev. 2026.

FRIEDRICH, Markus. *The birth of the archive: a history of knowledge*. Tradução: John Noël Dillon. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2018.

GÓMEZ ASENCIO, José J.; MONTORO DEL ARCO, Esteban T.; SWIGGERS, Pierre. Principios, tareas, métodos e instrumentos en historiografía lingüística. In: CALERO VAQUERA, María Luisa et al. (ed.). *Métodos y resultados actuales en historiografía de la lingüística*. Münster: Nodus Publikationen, 2014. p. 266-301.

HUYSEN, Andreas. *Present Pasts: Urban Palimpsests and the Politics of Memory*. Stanford: Stanford University Press, 2003.

HUYSEN, Andreas. *Twilight Memories: Marking Time in a Culture of Amnesia*. New York: Routledge, 1995.

KEMMLER, Rolf. Para uma melhor compreensão da história da gramática em Portugal: a gramaticografia portuguesa à luz da gramaticografia latino-portuguesa nos séculos XV a XIX. *Veredas*, [S. l.], n. 19, p. 145-176, 2013. Disponível em: <https://revistaveredas.org/index.php/ver/article/view/36>. Acesso em: 25 fev. 2026.

KEMMLER, Rolf; ASSUNÇÃO, Carlos; FERNANDES, Gonçalo. A primeira gramática portuguesa para o ensino feminino (Lisboa, 1786). *Diacrítica: série ciências da linguagem*, Braga, v. 24, n. 1, p. 373-393, 2010. Disponível em: <https://cehum.elach.uminho.pt/cehum/static/publications/diacritica24-1.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2026.

KETELAAR, Eric. Archival turns and returns: Studies of the archive. In: GILLIAND, Anne Jervois; McKEMMISH Sue; LAU, Andrew J. (eds.). *Research in the Archival Multiverse*. Clayton, Victoria: Monash University Publishing, 2017. p. 228-268.

LATOUR, Bruno. On actor-network theory: A few clarifications plus more than a few complications. *Soziale Welt*, v. 47, p. 369-381, 1996. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/40878163>. Acesso em: 25 fev. 2026.

LEE, Namhee; MIKESELL, Lisa; JOAQUIN, Anna Dina L.; MATES, Andrea W.; SCHUMANN, John H. *The Interactional Instinct: The evolution and acquisition of language*. Nova York/Oxford: Oxford University Press, 2009.

MACIEL, Maximino. *Breve retrospecto sobre o ensino da língua portuguesa*. 1910. Disponível em: https://www2.iel.unicamp.br/webdocs/iel/hil/publica/relatos_03.html#prologos. Acesso em: 25 fev. 2026.

MAINBERGER, Sabine. Musing about a Table of Contents. Some Theoretical Questions Concerning Lists and Catalogues. In: LAEMMLE, Rebecca; SCHEIDEGGER LAEMMLE, Cédric; WESSELMANN, Katharina (org.). *Lists and Catalogues in Ancient Literature and Beyond: Towards a Poetics of Enumeration*. Berlin/Boston: Walter de Gruyter, 2021. p. 19-35.

MARION, Russ. *The Edge of Organization: Chaos and Complexity Theories of Formal Social Systems*. London/New Delhi: SAGE Publications, 1999.

MARIS, Mariana. *Historiografia do processo de normatização da vírgula na gramaticografia portuguesa do século 16*. Orientador: Francisco Eduardo Vieira. 2025. 345 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2025. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/37492>. Acesso em: 25 fev. 2026.

MEDINA, Sofia Perrone. *A gramaticografia da língua francesa no Brasil: tendências e trajetórias*. Coorientadores: Natália Bisio de Araujo; Leandro Silveira de Araujo. 2024. 56 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras: Língua Francesa e Literaturas da Língua Francesa) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/45802>. Acesso em: 13 jan. 2026.

MESQUITA, Fábio Albert. *Uma historiografia das ideias gramaticográficas em instrumentos de ensino de Julio Pires Ferreira (1868-1930)*. Orientador: Francisco Eduardo Vieira. 2023. 195 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/30150>. Acesso em: 25 fev. 2026.

MOORE, Niamh; SALTER, Andrea; STANLEY, Liz; TAMBOUKOU, Maria (ed.). *The Archive Project: Archival Research in the Social Sciences*. London: Routledge, 2016.

- MUFWENE, Salikoko S. *Language Evolution: contact, competition and change*. London/New York: Continuum, 2008.
- MUFWENE, Salikoko S. *The ecology of language evolution*. Cambridge/Nova York: Cambridge University Press, 2001.
- MURRAY, Stephen O. *Theory groups and the study of language in North America: a social history*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1998. v. 69. p. 1-26.
- NASCENTES, Antenor. A filologia portuguesa no Brasil (esboço histórico). In: NASCENTES, Antenor. *Estudos filológicos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1939. p. 21-45.
- NEWMAYER, Frederick J. Archival resources for the study of the historiography of American linguistics. *History of Linguistics 2021: Selected papers from the 15th International Conference on the History of the Language Sciences (ICHoLS 15)*, Milan, 28 August – 1 September, edited by Savina Raynaud, Maria Paola Tenchini and Enrica Galazzi, John Benjamins Publishing Company, 2024, p. 211-219. <http://doi.org/10.1075/sihols.133.14new>.
- NORA, Pierre. Between Memory and History: Les Lieux de Mémoire. *Representations*, n. 26, p. 7-24, 1989. <http://doi.org/10.2307/2928520>.
- NORA, Pierre. Les lieux de mémoire, ou Comment ils m'ont échappé. In: NORA, Pierre. *Présent, nation, mémoire*. Paris: Gallimard, 2011. p. 400-404.
- OLICK, Jeffrey K. The Future of the Mnemonic Turn. *Social Research: An International Quarterly*, Johns Hopkins University Press, v. 90, n. 4, p. 781-807, 2023. <http://doi.org/10.1353/sor.2023.a916354>.
- OLIVEIRA, Karina G. S. *História da fonética e da fonologia no Brasil (1949-2000): aspectos do conhecimento em circulação em teses e dissertações*. Orientadora: Olga Ferreira Coelho Sansone. 2022. 286 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-01082022-144153/publico/2021_KarinaGoncalvesDeSouzaDeOliveira_VOrig.pdf. Acesso em: 26 fev. 2026.
- OPEN LANGUAGE Archives Community. *OLAC Archives*. [S. l.], [S. d.]. Disponível em: <http://www.language-archives.org/archives>. Acesso em: 12 set. 2025.
- OSBORNE, Thomas. The ordinariness of the archive. *History of the Human Sciences*, v. 12, n. 2, p. 51-64, 1999. <http://doi.org/10.1177/09526959922120243>.
- PAYEN, Pascal. A constituição da história como ciência no século XIX e seus modelos antigos: fim de uma ilusão ou futuro de uma herança? *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography*, v. 4, n. 6, p. 103-122, 2011. <http://doi.org/10.15848/hh.v0i6.250>.
- POLACHINI, Bruna. O engenho didático na gramática brasileira oitocentista. *Estudos Linguísticos*, v. 52, n. 3, p. 819-838, 2023. <http://doi.org/10.21165/el.v52i3.3672>.
- POLACHINI, Bruna. *Uma história serial e conceitual da gramática brasileira oitocentista de língua portuguesa*. Orientadora: Olga Coelho. 2018. 458 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. <http://doi.org/10.11606/T.8.2018.tde-06072018-120101>.
- PONCET, Olivier. Archives and history: Beyond the turns. *Annales. Histoire, Sciences Sociales*, v. 74, n. 3, p. 711-743, 2019. <http://doi.org/10.1017/ahss.2020.50>.
- RIBEIRO, Natássia Thais do Nascimento. *Gramática tradicional e tradição sociodiscursiva em gramáticas escolares de língua portuguesa da década de 2000*. Orientador: Francisco Eduardo Vieira. 2021. 158 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/22666>. Acesso em: 25 fev. 2026.
- SCHÄFER-PRIEB, Barbara. *A Gramaticografia portuguesa de 1540 até 1822: condições da sua génese e critérios de categorização, no âmbito da tradição latina, espanhola e francesa*. Tradução: Jaime Ferreira da Silva. Révisée et actualisée par l'auteur. Vila Real: Centro de Estudos em Letras, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 2019. Disponível em: https://www.utad.pt/cel/wp-content/uploads/sites/7/2020/10/Lingui%C3%A7a_14.pdf. Acesso em: 25 fev. 2026.

SILVA, Anderson Rany Cardoso da. *Uma historiografia das ideias sobre o português brasileiro em gramáticas escolares brasileiras (1961-2000)*. Orientador: Francisco Eduardo Vieira. 2025. 299 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2025. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/37476>. Acesso em: 25 fev. 2026.

SILVEIRA, Olmar Guterres da. A '*Grammatica*' de Fernão d'Oliveira, texto reproduzido da 1.^a edição (1536) e apreciação de Olmar Guterres da Silveira. Rio de Janeiro: Jornal do Commercio, 1954.

SU, Li. Tracing the archival turn: genealogies, dimensions and implications. *Information Research: An International Electronic Journal*, v. 30 (CoLIS), p. 52-64, 2025. <http://doi.org/10.47989/ir30CoLIS52276>.

SWIGGERS, Pierre. A historiografia da linguística: objeto, objetivos, organização. *Confluência*: revista do Instituto de Língua Portuguesa, Rio de Janeiro, n. 44-45, p. 39-59, 2013. Disponível em: <https://revistaconfluencia.org.br/rc/article/view/602>. Acesso em: 25 fev. 2026.

SWIGGERS, Pierre. Gramaticografia e historiografia: una visión retro- y prospectiva. *Anales de Lingüística*, Mendoza, Argentina, n. 4, p. 139-154, 2020. Disponível em: <https://revistas.uncu.edu.ar/ojs3/index.php/analeslinguistica/article/view/4393>. Acesso em: 25 fev. 2026.

SWIGGERS, Pierre. História, Historiografia da Linguística: status, modelos e classificações. *Eutomia*: revista de literatura e linguística, Recife, v. 1, n. 6, p. 1-17, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/EUTOMIA/article/view/1702>. Acesso em: 25 fev. 2026.

THIETART, Raymond-Alain; FORGUES, Bernard. Complexity Science and Organization. In: ALLEN, Peter; MAGUIRE, Steve; MCKELVEY, Bill (ed.). *The Sage Handbook of Complexity and Management*. London: Sage Publications, 2011. p. 53-64.

UNESCO. *Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial*. Paris: Unesco, 17 de outubro de 2003.

VERDELHO, Telmo. O patrimônio lexicográfico. In: VERDELHO, Telmo; SILVESTRE, João Paulo (org.). *Dicionarística portuguesa*: inventariação e estudo do patrimônio lexicográfico. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2007. p. 9-60.

VIDAL NETO, José Bento Cardoso. *A formação do pensamento linguístico brasileiro: entre a gramática e novas possibilidades de tratamento da língua (1900-1940)*. Orientadora: Olga Coelho. 2021. 547 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021. DOI 10.11606/T.8.2020.tde-12082021-203927. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-12082021-203927/pt-br.php>. Acesso em: 25 fev. 2026.

VIEIRA, Francisco Eduardo. *A gramática tradicional*: história crítica. São Paulo: Parábola Editorial, 2018.

VIEIRA, Francisco Eduardo. Ferramentas analíticas para uma historiografia dos modelos sintáticos: rede taxonômica e glossário de metatermos da *Grammatica da lingua Portugue/a* (1540), de João de Barros. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 32, n. 3, p. 762-803, 2024. <http://doi.org/10.17851/2237-2083.32.3.762-803>.

VIOTTI, Evani. Mudança linguística. In: FIORIN, José Luiz (org.). *Linguística? Que é isso?* São Paulo: Contexto, 2013. p. 137-179.

ZAMORANO AGUILAR, Alfonso. Teorías del caos e historiografía de la lingüística. Una interpretación. *Beiträge zur Geschichte der Sprachwissenschaft*, Münster, v. 22, p. 243-298, 2012.